

# PESSOAS e LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa Leader +

Directora: Cristina Cavaco

[www.leader.pt](http://www.leader.pt)

II Série | Nº 38 - 2006



Algar do Carvão / João Limão

Em Destaque

## Património espeleológico, mineiro e geológico



GRATER

**Graciosa  
e Terceira**

**P 4 e 5 Entrevista a Diogo de Abreu**

**P 3 Plano Estratégico Nacional de Desenvolvimento Rural**

**P 12 Um fim-de-semana na Graciosa e Terceira**

**P 17 Exposição Desertificação e Desenvolvimento Rural**



# Património espeleológico é potencial de desenvolvimento

Conceber e editar um jornal em torno do tema *Património Espeleológico* torna-se, aparentemente, tarefa difícil, sobretudo quando esta abordagem está directamente associada ao desenvolvimento dos territórios rurais. Concluída que está mais uma edição do Jornal *Pessoas e Lugares*, da Rede Portuguesa LEADER+, é gratificante salientar que as experiências e projectos apoiados pelo programa LEADER, no âmbito desta temática,



Matteo Calzavara Estremoz / CIGAP

são exemplos das muitas possibilidades de valorização de todo um património rural; aquele que nos habituamos a ver e a promover, mas também aquele, às vezes invisível ou menos considerado mas que dele também faz parte. À Grater, Grupo de Acção Local do LEADER+ que está em destaque nas páginas centrais, coube a sugestão deste tema, dada a riqueza do património espeleológico das suas ilhas vulcânicas, Graciosa e Terceira, pertencentes ao arquipélago dos Açores. Está pois de parabéns pelo trabalho realizado, e por valorizar e promover realidades às vezes esquecidas.

Grutas, minas, complexos vulcânicos de montanhas, entre outros, utilizadas para fins turísticos, transformadas em espaços didácticos e de aprendizagem, centros de visita e de interpretação, ou mesmo para nidificação e descanso de muitas aves e mamíferos, algumas, espécies ameaçadas de extinção. Por isso, estes espaços constituem enormes potenciais para os territórios rurais e o apoio à sua valorização e divulgação é um contributo valioso não só para a preservação da avifauna a eles associada, mas por constituir mais um elemento de valorização dos territórios rurais, trazendo à luz do dia muito do que vagueia no nosso imaginário. As acções em torno da valorização do património espeleológico constituem quer um apoio explícito às estratégias territoriais orientadas para a diversificação de actividades, uma vez que, indirectamente, estas actividades são geradoras de outras tantas com efeitos positivos na criação de emprego, quer um chamamento às actividades científicas e de investigação, direccionadas para algumas das mais relevantes ocorrências geológicas e das diferentes actividades mineiras de Portugal. A leitura deste jornal é, assim, um desafio e um convite à visita destes projectos e locais, na convicção que ao LEADER tem cabido um papel fundamental na requalificação paisagística e defesa do património rural, na divulgação e valorização destes locais, identificando e semeando interesses e iniciativas, na expectativa que o futuro as consolide aperfeiçoe e alargue dando continuidade às realizadas no âmbito deste programa.

**José António Canha**  
Presidente do IDRHa e Gestor do Programa LEADER+



## Pedido de envio do Jornal Pessoas e Lugares

Nome:	
Organização:	
Função:	
Morada:	
	Código postal: -
Telefone:	Fax:
E-mail:	
Comentários:	

Recorte ou fotocopie, e envie para: IDRHa, Rede Portuguesa LEADER+ Av. Defensores de Chaves, n.º 6 - 1049-063 Lisboa

O **Pessoas e Lugares** - Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+ tem por objectivos:

- divulgar e promover o LEADER+;
- reforçar uma imagem positiva do mundo rural.

O **Pessoas e Lugares** tem uma periodicidade mensal e a sua distribuição é gratuita.

Se pretender receber o jornal **Pessoas e Lugares** preencha, por favor, o formulário anexo (recorte ou fotocopie) e envie para:

IDRHa  
Rede Portuguesa LEADER+  
Av. Defensores de Chaves, n.º 6  
1049-063 Lisboa

Telf.: 21 3184419  
Fax: 21 3577380

Ou aceda ao site da Rede Portuguesa LEADER+ **www.leader.pt** e preencha, por favor, *on line* o formulário disponível no *link* **Pessoas e Lugares**.

No caso de desejar receber mais do que um exemplar de determinado número do jornal **Pessoas e Lugares**, para distribuir num evento, por exemplo, pedimos o favor de fazer chegar essa informação ao IDRHa com a devida antecedência. Obrigado.

Período de programação 2007-2013

# Plano Estratégico Nacional de Desenvolvimento Rural

O regulamento comunitário do novo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural, FEADER<sup>1</sup>, prevê a definição das Orientações Estratégicas Comunitárias de Desenvolvimento Rural para o período de programação 2007-2013, decididas pelo Conselho Agricultura, em 20 de Janeiro deste ano<sup>2</sup>.

Este importante documento define as grandes linhas de orientação estratégica a partir das quais os Estados-membros deverão preparar os seus Planos Estratégicos Nacionais (PEN), os quais, por sua vez, constituirão o quadro de referência para a preparação dos Programas de Desenvolvimento Rural (PDR).

Em Portugal, o PEN tem vindo a ser preparado de forma participada e alargada, abrangendo não só organismos da Administração Pública mas também as entidades ligadas ao sector agro-florestal, ao mundo rural e ao ambiente, organizações e associações bem como outros parceiros representativos, incluindo contributos individuais. Desta colaboração, coordenada pelo Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar, resultou uma primeira versão do PEN em Maio deste ano, colocada em discussão pública e que, no seguimento do número significativo de contributos recebidos, deu origem a nova versão revista, com data de Setembro 2006<sup>3</sup>.

De forma sintética, do conteúdo do PEN consta essencialmente uma Análise da Situação nas suas vertentes económica, ambiental e socioeconómica, identificando os pontos fortes e fracos em cada uma destas vertentes, e a definição da Estratégia Global para o Desenvolvimento Rural. A análise da situação destina-se a fundamentar a definição da estratégia global, ou seja, a escolha dos Objectivos Estratégicos Nacionais, incluindo as especificidade das Regiões Autónomas.

Da análise apresentada bem como das conclusões das avaliações feitas aos actuais programas pode-se concluir que a evolução dos sectores agrícola e florestal, e das indústrias a eles associadas, foi influenciada, de modo determinante e em geral positivo, pela adesão de Portugal à União Europeia. Contudo, retira-se igualmente que, apesar dos notórios progressos em termos tecnológicos, do aumento da produtividade do trabalho e do bem-estar dos agentes ligados a estes sectores, o aumento da riqueza gerada produtivamente ficou aquém do programado. Além disso, face ao grande aumento da procura interna de bens agro-alimentares e perante a estagnação dos níveis de produção em termos reais, verificou-se um sensível agravamento do défice da balança alimentar.

É incontestável reconhecer que, apesar das transformações verificadas no mundo rural, ainda é importante o peso e contributo que as actividades agro-florestais podem trazer para o desenvolvimento e sustentabilidade de muitos territórios, seja em termos de produção, emprego e rendimento, seja para preservar o ambiente, os recursos naturais, a paisagem e a biodiversidade.

Em consequência, e decorrente desta avaliação, considera-se que a grande finalidade da Estratégia Nacional para a agricultura e o desenvolvimento rural deve consistir em estimular a competitividade e a sustentabilidade dessas actividades, reforçando, desta forma, o seu contributo para o desenvolvimento sustentável do país e a coesão dos seus territórios.

Mas, esta estratégia só pode ser realizada e concretizada com sucesso se contar com a participação, qualificada e organizada de forma eficiente, de todos os agentes intervenientes e das populações rurais. Isto implica apostar fortemente

na melhoria da sua qualificação e organização, de forma a contar com a sua intervenção eficaz na gestão e acompanhamento de todo este processo. Neste contexto, foram, assim, propostos os seguintes **Objectivos Estratégicos**:

- Aumentar a competitividade dos sectores agrícola e florestal
  - aumentar o conhecimento e melhorar o potencial humano;
  - promover a inovação;
  - reestruturar e desenvolver o potencial físico;
  - melhorar a qualidade da produção e dos produtos agrícolas.
- Promover a Sustentabilidade dos Espaços Rurais e dos Recursos Naturais
  - Contribuir para o uso continuado e sustentável das terras agrícolas em zonas desfavorecidas;
  - Proteger os valores ambientais e paisagísticos em zonas agrícolas e florestais da Rede Natura 2000 e outras;
  - Proteger os recursos hídricos e o solo;
  - Contribuir para a atenuação das alterações climáticas.
- Revitalizar económica e socialmente as zonas rurais
  - Diversificar a economia rural;
  - Melhorar a qualidade de vida nas zonas rurais;
  - Desenvolver competências nas zonas rurais.

A estes objectivos estratégicos, e em coerência com o exposto, há que acrescentar dois importantes objectivos transversais:

- Reforçar a coesão territorial e social;
- Promover a eficácia da intervenção dos agentes públicos, privados e associativos na gestão sectorial e territorial.

Está previsto que a Estratégia Nacional seja aplicada em Portugal através de três programas de âmbito territorial: Continente, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira, acrescido de um programa específico para a rede Rural Nacional.

Conforme se destacou da avaliação efectuada, de que o objectivo último acima apresentado é o reflexo, a capacidade e qualidade da participação de todos os agentes intervenientes é considerada determinante para o êxito da estratégia. Em coerência com esta conclusão, um dos principais aspectos inovadores da Estratégia Nacional é o reconhecimento da importância da “abordagem LEADER” na programação futura, ou seja, o apostar nos actores locais, na sua capacidade para incentivar e desenvolver iniciativas junto das populações e para elas, na procura das soluções mais adequadas que contribuam para o seu desenvolvimento e bem estar.

Nesta lógica, propõe-se que as medidas que irão contribuir para a realização Objectivo Estratégico Revitalizar económica e socialmente as zonas rurais seja aplicado nas zonas rurais predominantemente segundo a abordagem LEADER. Isto é, baseado em estratégias de desenvolvimento local, assentes em diagnósticos fundamentados que reflectam as potencialidades e necessidades dos territórios, materializadas nos Planos de Desenvolvimento Local (PDL), e em coerência e integração com os objectivos estratégicos nacionais e regionais. Nas Regiões Autónomas este Objectivo Estratégico será executado, em todas as suas vertentes, através da abordagem LEADER mas igualmente através de intervenções públicas nas áreas do desenvolvimento de serviços básicos e de conservação e valorização do património rural e natural.

Num quadro de grande mudança e desafio em que a sociedade portuguesa se encontra, em que a diferença é feita pelo Homem e pela sua capacidade de criar riqueza e a distribuir de forma harmoniosa, a participação qualificada, empenhada e já demonstrada pelos actores locais e as suas organizações das nossas comunidades é, pois, uma peça adicional indispensável para contribuir para o desenvolvimento dos nossos territórios, e com a qual todos contamos para o cumprimento das metas que nos propomos.

Rita Horta

Directora do Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar

<sup>1</sup> Reg. (CE) n.º 1698/2005, de 20 de Setembro de 2005 (JO n.º L 277 de 21.10.2005).

<sup>2</sup> Decisão do Conselho de 20 de Fevereiro de 2006.

<sup>3</sup> Consultar em [www.gppaa.pt](http://www.gppaa.pt).

Entrevista a Diogo de Abreu

# Um património por explorar

**Diogo de Abreu, geógrafo, director do Centro de Estudos Geográficos, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ex-presidente da Direcção da Federação Portuguesa de Espeleologia, é um espeleólogo autodidacta. A paixão, desde a adolescência, pela exploração do mundo subterrâneo, levou-o a abraçar convicta e irremediavelmente o estudo da terra. Ciente do privilégio de poder entrar “em sítios onde a mão do homem nunca pôs os pés”, Diogo de Abreu lança um alerta para a necessidade de conhecer melhor o património espeleológico nacional sob pena de não o saber preservar.**

## O que se entende por património espeleológico?

A Espeleologia é um ramo do saber que estuda o meio subterrâneo natural. O conceito foi evoluindo e, hoje em dia, também engloba as pessoas que se interessam por esse meio, mesmo que não de uma forma científica. Seja para os simples curiosos ou para os praticantes do desporto de progressão, importa conhecer alguns aspectos científicos porque facilita a progressão e dá segurança. O conjunto de cavidades a que chamamos grutas, algares, lápias constituem o património espeleológico. Encontram-se nos terrenos calcários, de lava recente – basalto –, e, há também exemplos mais raros de grutas, noutro tipo de rochas, como as rochas salinas.

## Qual é a expressão numérica do património espeleológico?

Creio que haverá, aproximadamente, entre dois a três milhares de grutas no País, das quais mais de mil ou mesmo de 1 500 no Maciço Calcário Estremenho. Não existe um catálogo ou cadastro nacional das grutas, o que dificulta ou impossibilita a tomada de consciência e implementação de medidas de protecção. A inexistência do catálogo também faz com que todos os grupos de espeleologia visitem e topografem praticamente as mesmas grutas. Haverá grutas topografadas mais de dez ou 15 vezes, enquanto outras nenhuma. É devido à dificuldade de arranjar um organismo de coordenação mínima entre as associações de espeleologia que não existe um cadastro nacional. É também necessário ver a definição de uma gruta. A minha visão é bastante alargada. As cavidades pequenas também são importantes. Mesmo nas zonas obscuras de um pequeno abrigo pode haver vida subterrânea específica, pequenos animais ou outras formas de vida específicas desse local e, portanto, únicas. E como as grutas, o mundo das fendas e das dobras também tem uma vida riquíssima.

## Qual é o estado do património espeleológico português?

Nem muito bom, nem muito mau. Nalguns aspectos já esteve pior. O desaparecimento de algumas actividades económicas relacionadas com gado, a intensa adubação dos terrenos superiores e a consequente infiltração, o abandono e despovoamento de algumas destas áreas tiveram como consequência que a pressão de lixo atirado para os algares ou grutas diminuísse. Também já não é tão comum o hábito de jogar os cadáveres dos animais para dentro das grutas. Com o saneamento nalgumas áreas, nomeadamente em Mira d’Aire, grande parte dos esgotos urbanos e domésticos, que se infiltrava na própria água de consumo, diminuiu. Ainda há casos de contaminação, mas estão a ser alvo de atenção. A EPAL tem um programa de mergulhos regulares na nascente do Alviela, com recolha de amostras, para controlar a qualidade da água. No Algarve a situação não é tão boa. As pessoas gostam de vivendas em sítios elevados, mesmo tendo problemas depois de abastecimento de água. Conheço até casos onde os esgotos das casas são pura e simplesmente lançados para as grutas. Algumas delas tinham sido estudadas anos antes e hoje nem se consegue lá ir. Concluindo, o estado do património espeleológico está longe de ser bom, mas está a melhorar. Os perigos fundamentais não vêm da contaminação indirecta, mas da utilização directa das cavidades. A crescente pressão para o uso turístico e desportivo pode ter consequências negativas, caso se ultrapasse a capacidade de carga e se altere demasiado o ambiente interno.

## Com o passar do tempo o património espeleológico tem vindo a beneficiar de uma maior atenção por parte das instituições responsáveis?

Quais são as instituições responsáveis? Havia um vazio legal e uma certa confusão sobre a utilização das grutas. A ocupação do solo estava legislada, no Código Civil, junto com o direito da propriedade, enquanto o direito mineiro regulamentava a utilização do solo para a extracção de minerais, pedra e areias, etc. Quanto

às grutas, não se sabia bem o que eram legalmente, nem estavam estabelecidas as condições da sua propriedade e utilização. Numa das revisões constitucionais surgiu uma referência às cavidades subterrâneas<sup>1</sup>. Foi um primeiro passo. Sendo um património natural de todos nós, automaticamente o Instituto de Conservação da Natureza passou a ter algumas obrigações na área da sua conservação. O património tem de ser para todos e para sempre. Embora as grutas evoluam, como tudo no mundo. Numa visão estritamente conservadora, é impossível conservar tal qual e para sempre, pois as coisas estão a mudar, umas vezes para melhor outras para pior. Começa a haver uma maior necessidade de protecção. Ela existe já a nível dos planos de ordenamento das áreas protegidas. As grutas têm de ser objecto de regulamentação especial, como todos os outros elementos naturais das áreas protegidas. Há áreas de protecção, há regime especial e a própria visitação tem de ser organizada de acordo com as entidades responsáveis pela gestão dessas áreas. Algumas áreas protegidas porém têm uma grande ignorância do seu património espeleológico e, por vezes, acordam tarde e mal para a necessidade da sua protecção, assumindo atitudes despropositadas. Como de costume, a maioria dos erros cometidos é fruto da ignorância daquilo que existe, de como existe, das características, dos perigos e das melhores soluções. Mas também não dá para estarmos séculos à espera de fazer o que quer que seja. As decisões têm de ser tomadas aqui e agora. Para isso, há que investir no conhecimento do mundo subterrâneo. Com milhares de grutas em Portugal, é inadmissível que institutos oficiais façam uma carta das grutas do País referenciando só três ou quatro pontos, como já aconteceu.

## Alguma gruta do continente está classificada como monumento natural?

Não conheço nenhuma gruta que seja monumento natural. Embora haja algumas que foram há muito classificadas como monumento nacional.

## Podemos concluir que há um certo vazio institucional e legal em torno do património espeleológico?

Sem dúvida. E o movimento espeleológico, em geral, tem, de alguma maneira, falhado na sua principal missão, que é o conhecimento e a sua divulgação. Custa-me dizer isto porque a responsabilidade também é em parte minha. Não temos conseguido mostrar e valorizar o património espeleológico. Temos tido dificuldade em passar da exploração das grutas para uma divulgação baseada em educação ambiental. É a única maneira das pessoas serem motivadas para o que as grutas são, o valor que têm e o que lá acontece.

## Conhece algum modelo ideal de gestão das grutas?

O modelo de exploração das grutas terá que se basear mais naquilo que são os centros de interpretação da natureza. Têm que ser locais onde os diversos processos que lá ocorrem sejam passíveis de apreensão para os diferentes grupos de públicos. Dar a conhecer as grutas aos outros implica a identificação de processos e características dos sítios, que depois devem ser transmitidos de maneira simples e de acordo com os diferentes tipos de público. Ao nível da exploração económica das cavidades, existem já uma série de boas práticas para garantir a segurança dos participantes, alterando o mínimo possível as condições da cavidade, isto é, os seus povoamentos, depósitos, materiais arqueológicos ou outros, animais, ambiente e processos físicos e químicos a decorrer. Em Portugal, temos o bom exemplo da Gruta do Penó. Nela foram feitos uma série de estudos, num espaço de tempo bastante curto, entre eles um sobre a capacidade de carga da visitação. Depois foi construído um modelo de utilização da cavidade. Esta gruta desempenha hoje um importante papel de educação ambiental. Mas se imaginarmos uma área maior com mais grutas a visitar, outros tipos de visitas seriam de considerar e cada uma seria preparada em função dos respectivos objectivos e condições.





Maria do Rosário Aranha

### **Defende a existência de grutas exclusivamente para a exploração científica?**

Todas as grutas têm de ser exploradas. Em Portugal ainda se está na fase da exploração. Há muitas áreas, muitos maciços pouco conhecidos. Isso tem a ver com o trabalho dos espeleólogos com as populações que, nalguns casos, se está a tornar mais difícil, porque a presença humana nestes maciços é menor. A actividade agrícola está a diminuir na maioria das serras calcárias. Pessoas que estavam diariamente no terreno, andavam lá com tempo e viam fumo a sair da terra, indicativo de alguma humidade em determinadas circunstâncias, ou quando encontravam outro tipo de buraco qualquer no chão, tapavam-no para que as ovelhas ou outros animais não caíssem lá dentro. Isto, a pouco e pouco, está a transformar-se em coisa do passado. Estão a desaparecer muitas pessoas que costumavam ser informadores privilegiados. Por outro lado, a prospecção geofísica de grutas em Portugal não tem evoluído muito. Hoje estamos numa fase de consolidação do conhecimento espeleológico, após as fases de prospecção com os habitantes locais, e mais recentemente, com os mergulhos, as desobstruções e as bombagens.

### **Qual é o grau de exploração turística ideal para este tipo de património?**

No geral concordo com a política do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (PNSAC), que se baseia nas pessoas que conhecem as grutas. Primeiro tentaram identificar e definir quais os tipos de visitas que deveriam e poderiam ser efectuadas na sua área de jurisdição, a seguir, entre as largas centenas de grutas que ali existem, elegeram as menos susceptíveis de sofrer com o impacto das visitas. Procuraram encontrar grutas adequadas aos determinados tipos de visitas, cada uma com objectivos especiais. Verificou-se o caso curioso de uma delas, com condições óptimas para crianças muito jovens, não poder ser utilizada, por nela existir uma importante colónia de morcegos. Os estudos sobre a capacidade de carga da Gruta do Peno foram pioneiros: sabe-se exactamente, de forma quantificada, o grau de alteração provocado pela presença de pessoas em dadas circunstâncias e durante determinado tempo. É exemplo do que deveria ser feito em mais sítios, sob pena de degradar as condições das grutas. Por exemplo, se o ar fica menos húmido, as formações estalactíticas e estalagmíticas em vez de brilhantes, ficam baças, corroídas, como acontece nalgumas grutas em Espanha, podem ficar negras, por causa dos fumos, ou ainda, cheias de algas, musgos e outra vegetação, quando as luzes não são adequadas. A exploração turística levanta problemas complicados. Convinha que entidades competentes de espeleologia fossem consultadas. Conhecem bem o meio e, por isso, devem ser ouvidas, na forma como a exploração deve ser feita. Explorar uma gruta não é a mesma coisa que visitar um monumento histórico ou um sítio arqueológico. Numa gruta o visitante coexiste com um ambiente específico. E esse ambiente tem de ser acautelado nos aspectos da contaminação do ambiente, hidrologia, conhecimento arqueológico, paleontológico, assim como dos animais que lá vivem. Numa primeira abordagem, o espeleólogo tem um saber mínimo sobre cada uma destas áreas, vindo depois os especialistas que se revelarem necessários.

### **Os actuais projectos de “turismo espeleológico” reconhecem a sua missão pedagógica, integrando mesmo uma dimensão de educação ambiental?**

O modelo de visitação normal em Portugal inspirou-se nas grutas de Espanha e de França nos anos 50. Verificava-se a beleza de estalactites e estalagmites, apelando à simples analogia das formas. As pessoas hoje vão de maneira diferente às grutas e querem outra oferta de visitação. O menu das ofertas possíveis no mesmo espaço deve ser maior. A leitura da cavidade começa pelo próprio ambiente físico, é ambiental. Depois é conveniente que se ilustrem os diferentes proces-

sos que ocorrem nas cavidades. É a compreensão do que se passa, que dá beleza à gruta. Por outro lado, a própria visita deve ser diversificada. Temos que fazer nas grutas o mesmo que nos museus: uma visita geral, visitas temáticas, exposições, etc. Isto significa, basear-se na educação, ou seja, na compreensão do mundo em que vivemos. E convém não esquecer que toda a educação é ambiental pois serve para perceber os diversos aspectos do mundo em que vivemos que é o nosso ambiente.

### **As grutas podem servir de porta-estandarte para uma estratégia de desenvolvimento regional?**

É evidente. Há áreas que se podem caracterizar como áreas de grutas. Há regiões que poderiam ir buscar a sua especificidade à presença das grutas e até basear nelas, como ícone, imagem e prática, uma parte significativa do seu desenvolvimento. Muitas grutas em si só podem arrastar multidões, desenvolvendo-se uma série de actividades em torno delas. Ou então podem constituir um factor de interesse no seio de um conjunto maior, tornando-se pólo de atracção regional. Por outro lado, temos as áreas das grutas, em que o número de cavidades e a paisagem específica são o factor determinante da sua identidade. Por exemplo, o que distingue o PNSAC dos outros espaços protegidos é o ambiente mineral das grutas, a paisagem cársica e as ressurgências. E tudo isto pode servir como estratégia para mostrar o que é diferente e, assim, valorizar o território e a sua ligação com as populações. Tudo isso é valorizável e pode estar ligado à própria paisagem: a visão dos campos com aquelas pedras rendilhadas, fruto do carso, evolução milenar do calcário e da água, e as próprias grutas. Depois há um outro aspecto fundamental, nestes sítios as pessoas não podem ser penalizadas, mas sim beneficiadas. A vida num parque natural não pode ser muito mais difícil do que fora dele: construir habitação, iniciar uma actividade económica, viver o dia-a-dia... Algumas coisas devem ser mais fáceis e mais baratas, para os habitantes dessas áreas perceberem por que é que vale a pena viver ali, naquela diferença, senão estão apenas a ser explorados. As grutas, a história das grutas, a arqueologia, o homem pré-histórico, o calcário, os animais, os dinossáurios, qualquer uma dessas coisas pode servir de porta-estandarte para o desenvolvimento. Por outro lado, podem também ser fontes de apoio local, não já para as populações do exterior, mas para a construção de um conhecimento de cada uma das populações residentes. Muitas das grutas podem também servir como centros de educação para a população local. As pessoas que lá vivem têm de ser convidadas a perceber que aquilo que é seu e que tem uma importância nacional ou regional, também é importante para eles a nível local. E algumas das grutas poderiam servir para um melhor e mais estruturado conhecimento, orientando a educação ambiental, mas também, constituindo-se como um contributo sólido para a criação da identidade regional e, nesse aspecto, fortalecer estratégias futuras de desenvolvimento regional.

### **Que tipo de intervenção as entidades gestoras do LEADER podem e devem assumir no sentido da preservação e promoção desta área?**

O LEADER pode fazer tudo. A questão fundamental é compreender. As associações LEADER, caso queiram intervir na área da espeleologia, devem pedir apoio às entidades mais idóneas. Existe um mundo subterrâneo com características especiais. Daí ser necessário falar com pessoas ou associações que melhor o conhecem, isso fará com que as decisões de intervenção sejam mais bem fundamentadas. E tenham cuidado, o meio é frágil e mesmo em grutas muito pequenas, simples abrigos, intervenções mínimas podem ter consequências irreversíveis, porque podem alterar biótopos de pequenos animais, que em muitos casos são espécies únicas, que lá vivem. As grutas são locais onde os animais tiveram uma evolução regressiva, portanto acabando-se com aqueles, acaba-se com os últimos. E isso acontece muito mais do que se pensa. É de lamentar que não exista uma ciência da Espeleologia suficientemente desenvolvida em Portugal. Há falta de estudos sobre as grutas: quantas são, como são, como evoluíram, porque são diferentes, porque têm este aspecto e não outro, quem lá viveu e quem lá vive. E é por não sabermos o que devíamos que devemos ter precaução.

Entrevista de **Maria do Rosário Aranha**

<sup>1</sup> **Artigo 84.º (Domínio público)** I. Pertencem ao domínio público: c) Os jazigos minerais, as nascentes de águas mineromedicinais, as cavidades naturais subterrâneas existentes no subsolo, com excepção das rochas, terras comuns e outros materiais habitualmente usados na construção (2ª Revisão Constitucional, 1989).

# Património espeleológico na Terceira e Graciosa

**Nos Açores estão catalogados algares, grutas e cavidades vulcânicas em todas as ilhas, à excepção do Corvo. O Algar do Carvão e a Gruta do Natal, na Terceira, e a Furna do Enxofre, na Graciosa, constituem experiências de grande sedução, quer para vulcanólogos, geólogos e biólogos, quer para vulgares visitantes.**

O arquipélago dos Açores é composto por um conjunto de nove ilhas, todas resultantes da acumulação de materiais vulcânicos sobre os fundos oceânicos. Está situado numa região bastante activa, do ponto de vista vulcânico e sísmico, o que se comprova através dos acontecimentos recorrentes de que estas ilhas têm sido palco. Referimo-nos concretamente aos sismos e às erupções vulcânicas. No entanto, é esta última, no seu processo construtivo, que marca de forma mais visível e permanente a paisagem, oferecendo-nos importantes novos geomonumentos e valores patrimoniais a salvaguardar.

As cavidades vulcânicas, pouco generalizadas no panorama mundial, são disso um bom exemplo. Podem ser de dois tipos: tubos lávicos (como a Gruta do Natal) formados pela passagem de rios de lava basáltica, que na sua fase final nos oferecem túneis no seu interior, podendo ter extensões totais superiores a 5000 m; algares vulcânicos (como o Algar do Carvão) que são na sua maioria vazios deixados por antigos centros eruptivos, com profundidades que ultrapassam os 100 m.

Os Açores representam bem este património espeleológico, exibindo um conjunto muito diversificado de perto de 240 cavidades naturais,

sendo que muitas estarão ainda por descobrir. Só a ilha Terceira apresenta cerca de 30 por cento do total regional.

O interior das cavidades vulcânicas é rico em formações geológicas características deste tipo de estruturas, de onde podemos destacar: lavas de diferentes tipos (*pahoehoe*, *a-a*), balcões lávicos, estalactites e estalagmites de lava, sílica ou limonite, *lava balls*, bolhas de gás, paredes estriadas, *levées*, e outros. Outro importante valor é a vida animal que estas cavidades albergam, nomeadamente com a fauna cavernícola que as ocupa, sempre rara e frequentemente endémica.

Ao longo dos tempos, as grutas tornaram-se muitas vezes em convenientes espaço de uso humano: eram locais de refúgio para si e para os animais; utilizadas como locais de dormida a foragidos da lei; transformadas em depósito temporário de diversos bens, como carvão, lenha e vinho; eram usadas para instalar fornos para cozinhar, canis, galinheiros ou mesmo currais de cabras. Outras tornaram-se importantes fontes de captações de águas subterrâneas, cujas nascentes eram utilizadas no abastecimento das populações. Algumas lagoas subterrâneas, em anos de seca, serviram também como abastecimento de água.



Algar do Carvão / João Limão

## Algar do Carvão (Terceira)

Classificado como “Monumento Natural Regional”, com a publicação do DLR n.º 9/2004/A, de 23 de Março, dadas as suas peculiaridades vulcanológicas, bem como a sua importância em termos ambientais, o Algar do Carvão está situado na zona central da ilha Terceira.

A boca do algar apresenta dimensões de 17 x 27 m e dá passagem a uma conduta vertical com cerca de 45 m de desnível. Depois de uma rampa, constituída por um depósito de gravidade, há novo desnível na vertical que termina numa lagoa de águas límpidas, a cerca de 80 m de profundidade relativamente à boca do algar.

Os complexos fenómenos geológicos e bioquímicos ocorridos no sistema hidrogeológico que caracteriza o Algar do Carvão levaram, ao longo dos anos, à formação de estalactites e estalagmites de sílica, porventura as estruturas mais exuberantes, raras e belas existentes neste algar e nas cavidades vulcânicas dos Açores. Estas estalactites de opala, com cor branca leitosa e veios internos avermelhados, revestem uma parte importante do tecto e das paredes do algar, atingindo cerca de 1 m de comprimento e 40 a 50 cm de diâmetro.

O notável povoamento vegetal que recobre o cone, a sua cratera e uma parte substancial da conduta vulcânica (sobretudo nos 22 m abaixo da boca) inclui 34 espécies diferentes de hepáticas, 22 de musgos e 27 de plantas vasculares (12 das quais são fetos), incluindo algumas espécies endémicas dos Açores e da Macaronésia.

A primeira descida ao Algar do Carvão data de 1893, tendo-se iniciado as primeiras descidas organizadas em 1963. Aberta ao público em Dezembro de 1968, tornou-se na primeira cavidade vulcânica com condições de recepção a visitantes, através da construção de uma entrada artificial (um túnel) e sistema de iluminação. Desde esta data até hoje têm vindo a ser efectuados diversos melhoramentos no sentido de proporcionar melhores condições de visita, designadamente, a construção de um centro de recepção/interpretação. Actualmente, o Algar do Carvão está aberto durante todo o Verão.

Os Montanheiros  
Tel. 295 212992  
montanheiros@montanheiros.com  
www.montanheiros.com



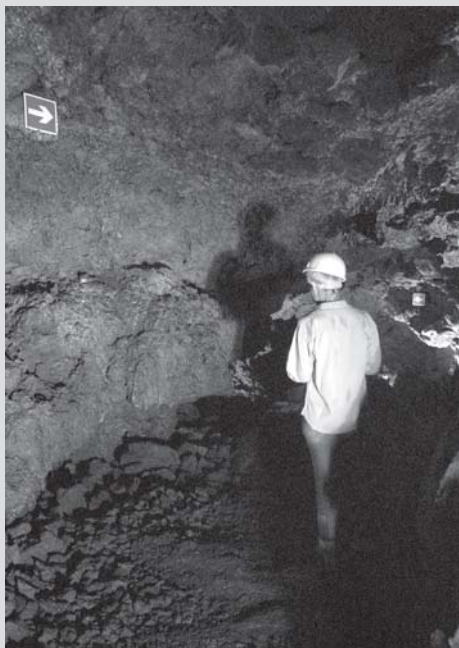
Apenas nos últimos anos é realçada a importância científica desse património, interpretando-se também algumas cavidades como perfeitos laboratórios para estudos diversos, relacionados com a actividade sísmica, a radiação natural e outras questões geológicas, bem como de fauna cavernícola e microorganismos.

Na ilha terceira o uso das grutas ou algares para fins científicos e turísticos é algo muito recente, com início apenas há pouco mais de 20 anos. Surgiram inicialmente pessoas e grupos, como Os Montanheiros, cujos propósitos eram os de explorar as grutas pelo fascínio da descoberta de algo que lhes era inteiramente novo. Mas de imediato, para algumas des-

sas grutas é reconhecido que possuem no seu conjunto, uma diversificada riqueza geológica, biológica e estética, que poderá ser divulgada ou protegida consoante as especificidades do local em causa. Criam-se então as condições para a prática da exploração turística em algumas delas. É assim que surge na Terceira o Algar do Carvão e a Gruta do Natal, diferentes cavidades vulcânicas que se complementam, e que foram alvo de vários projectos de beneficiações, alguns dos quais apoiados através de fundos comunitários, no âmbito dos programas LEADER II e LEADER+.

**Paulo Barcelos**

Os Montanheiros - Sociedade de Exploração Espeleológica  
GESPEA - Grupo de Trabalho para o Estudo do Património Espeleológico dos Açores



Gruta do Natal / João Limão

#### Gruta do Natal (Terceira)

Esta gruta era inicialmente conhecida por Galerias Negras. Conquistado o “mistério” que representava, a população, pela mão d’ Os Montanheiros, iniciou há muitos anos algo que se tornou numa singular tradição: a missa de Natal. Após a celebração desta, em 1969, passou a chamar-se Gruta do Natal.

A génese da Gruta é ainda incerta, concorrendo, no entanto, para a sua explicação uma teoria que indica a sua origem em correntes de lava originada em erupções fissurícolas, ocorridas num vale encaixado que outrora existiu entre os picos que constituem a paisagem local.

Trata-se de um tubo de lava com um total de 697 m de comprimento. No seu interior podem ser observadas estruturas geológicas diversas, como

escorrências de diferentes tipos de lava, estafilites e balcões laterais.

Com uma localização privilegiada, junto a uma estrada asfaltada, dentro da Reserva Florestal Natural da Serra de Santa Bárbara e Mistérios Negros, a Gruta do Natal é cada vez mais procurada por professores e alunos, para melhor compreenderem as manifestações vulcânicas que se encontraram na origem destas ilhas.

Constituindo uma estrutura geológica completamente diferente à de um algar, a Gruta do Natal apresenta-se como a cavidade que melhores condições oferece para a exploração turística. O circuito interno é feito para que não haja necessidade do visitante percorrer o mesmo trajecto na ida e volta.

Na casa-apoio, inaugurada a 1 de Dezembro de 1998, existe uma sala de recepção com uma exposição fotográfica, que dá a ideia das actividades históricas ocorridas, de onde parte o túnel com escadas de acesso ao interior da gruta.

Encontra-se aberta diariamente ao público de Abril a Outubro, sendo nos restantes meses efectuadas inúmeras aberturas extraordinárias, principalmente para grupos escolares, mediante marcação prévia.

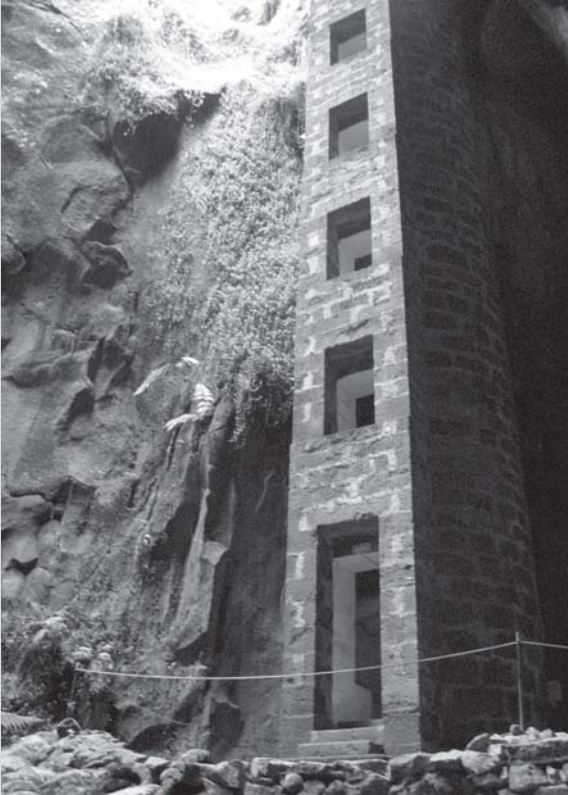
Os Montanheiros  
Tel. 295 212992  
montanheiros@montanheiros.com  
www.montanheiros.com

#### Furna do Enxofre (Graciosa)

Considerada única no panorama vulcano espeleológico internacional, a Furna do Enxofre encontra-se incluída no Monumento Natural Regional da Caldeira da Ilha Graciosa (DLR n.º 24/2004/A, de 14 de Julho). A sua génese está associada a uma importante fase efusiva intracaldeira que envolveu a formação de um lago de lava. Na fase final da erupção, a lava existente no interior da caldeira, ainda fluida, foi drenada ao longo da conduta principal do vulcão, precisamente pela zona onde se encontra actualmente esta cavidade.

Localizada na parte SE da Caldeira da Graciosa, a Furna do Enxofre apresenta um comprimento máximo de 194 m e cerca de 40 m de altura na parte central. No seu interior, para além de um lago de água fria, existe um importante campo de desgaseificação, constituído por uma fumarola com lama e por emanações gasosas difusas de dióxido de carbono, que se libertam imperceptivelmente em diversas áreas do chão da gruta. O acesso ao seu interior faz-se através de uma torre com cerca de 37 m de altura e uma escadaria em caracol com 183 degraus, edificada no início do século XX.

Ecoteca da Graciosa  
Tel. 295 714222  
Câmara Municipal de  
Santa Cruz da Graciosa  
Tel. 295 730040



Furna do Enxofre / João Limão

# Gruta das Torres

Localizada no concelho da Madalena, ilha do Pico – zona de intervenção da Adeliçor - Associação para o Desenvolvimento Local de Ilhas dos Açores –, a Gruta das Torres faz parte da formação dos Lajidos-Gruta das Torres, inserida no complexo vulcânico da montanha, originada muito provavelmente num intervalo de tempo estimado entre os 500 e os 1500 anos atrás. Devido à sua importância enquanto património natural, foi recentemente classificada como Monumento Natural Regional pelo DLR N.º 6/2004/A, de 18 de Março de 2004.

Descoberta em 1990, esta cavidade vulcânica é o maior tubo lávico conhecido em Portugal, com uma extensão de 5.150 metros, formado a partir das lavas de uma erupção vulcânica. O túnel principal desenvolve-se ao longo de 4.480 metros e é na sua maior parte de grandes dimensões, podendo atingir alturas de 15 metros, ao contrário dos túneis secundários laterais e superiores, com dimensões mais reduzidas mas com estruturas geológicas muito variadas.

A Gruta tem um desnível total de cerca de 200 metros, e o chão é composto por lavas muito bem preservadas, em grande parte do túnel, havendo locais onde estas estão cobertas por materiais provenientes de desabamentos das paredes e do tecto.

No interior existem diversas estruturas características das cavidades vulcânicas, tais como stalactites, estalagmites lávicas, bancadas laterais e *lava balls*. Ao longo da gruta existem vários sectores com algum gotejamento proveniente do tecto embora a circulação de água em grande parte da gruta seja fraca.

A exploração turística deste monumento natural iniciou-se em Junho de 2005. Uma iniciativa da Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, que visou a construção de um centro de visita, melhores acessibilidades ao interior da gruta e instalação de iluminação cénica.

A concessão da gestão e exploração turística da Gruta das Torres foi entregue, através de um Protocolo de Cooperação, a uma entidade não governamental com larga experiência nesta área – Os Montanheiros - Sociedade de Exploração Espeleológica, com sede na ilha Terceira e que conta com um núcleo no Pico.

O percurso tem início no Centro de Interpretação onde, pela leitura dos painéis informativos e pelo *breafing* do guia, o visitante toma conhecimento

da gruta e dos procedimentos a respeitar durante a visita.

Após esta apresentação, os grupos de 12 visitantes acompanhados por um guia iniciam a visita ao interior da gruta, numa extensão de 450 metros e com a duração aproximada de 45 minutos. Cada visitante está munido de um capacete com um sistema individual de iluminação, que também funciona como luz de emergência.

A entrada principal da gruta é feita pelo Algar da Ponte, onde os visitantes ao entrarem num ambiente cavernícola, observam a transição da vegetação arbórea da superfície para outras formas de vida vegetal menos evoluídas, como sejam os fetos, os musgos e os líquenes, que se encontram no chão e nas paredes junto das aberturas, mas as grandes dimensões desta cavidade fazem prever a existência de mais espécies ainda por descobrir.

A Gruta das Torres pode ser visitada diariamente, de Junho a Setembro, das 14h30 às 17h30 e de Maio a Outubro aos fins-de-semana, no mesmo horário. As reservas poderão ser efectuadas via telefónica ou directamente na recepção do Centro de Interpretação.

Para além da Gruta das Torres são conhecidas na ilha do Pico outras 81 cavidades vulcânicas, na sua maioria na metade ocidental, a zona mais recente da Ilha, que tem vindo a despertar o interesse pelo turismo científico, nomeadamente o turismo espeleológico.

**Sónia Borges**  
Adeliçor

Os Montanheiros - Núcleo da Ilha do Pico  
Telm.: 91 345 90 81  
E-mail: grutadastorres@sapo.pt / nucleodopico@montanheiros.com



# Grutas de São Vicente

Na costa norte da ilha da Madeira, concelho de São Vicente, território de intervenção da Adrama - Associação de Desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira, encontram-se as primeiras grutas de génese vulcânica abertas ao público em Portugal e inauguradas em 1996.

As Grutas de São Vicente formaram-se a partir de uma erupção vulcânica, há 890 mil anos, no Paul da Serra. A lava veio descendo até ao mar, deixando a parte exterior exposta a temperaturas mais baixas, solidificando rapidamente. No interior a torrente continuava a correr com muitos gases, formando uma série de tubos, sobre os quais é possível caminhar. O conjunto de oito “túneis vulcânicos” apresenta um desenvolvimento total de mais de mil metros de comprimento, com uma altura máxima que varia entre os cinco e seis metros.

As marcas deixadas pela actividade vulcânica do último período eruptivo, extinta há mais de mil anos, podem ser constatadas ao longo de aproximadamente 700 metros de percurso subterrâneo, resultante da escavação. A lava em fusão atingia, na altura, a temperatura de 1200°C. Os vários tubos ou canais naturais estendem-se por mil metros. A escavação ocasionou também um desnível máximo de cerca de 19 metros em relação à entrada.

A abertura das grutas despertou a curiosidade da população local. Pela primeira vez em 1885, este espaço foi objecto de divulgação e admiração. A notícia espalhou-se, merecendo a visita de estudo do inglês James Yates Jonhson e elaboração de um projecto integrado para o seu aproveitamento. Neste espaço, os visitantes são convidados a desfrutar um espectáculo deslumbrante numa viagem ao interior da terra. Ao todo vão ver três galerias; a maior chama-se Lago dos Desejos. Aqui os tesouros geológicos dão pelo nome de stalactites vulcânicas, pingos de lava (escorrências de lava), “bolo de lava” ou acumulações de lava (representa o fim de uma corrente de lava lenta) e o “bloco errante”, uma rocha transportada pela lava, mas que, devido às suas dimensões e temperaturas baixas a que foi submetida ficou presa no interior de um dos tubos lávicos.

A lava assume formas invulgares e orgânicas uma vez derramada à superfície, fica encordoadada, fica escoriácea. Os fetos crescem livremente. O ar, a água e os visitantes tornam-se vectores dos “esporos” para o bem da reprodução das plantas vasculares. A água está sempre presente, provém das nascentes. A sua temperatura varia entre os 12 e 13°C e pode ser consumida. Enquanto a temperatura ambiente ao longo do percurso é constante e ronda os 16 a 17°C.

Na ligação entre as grutas e o Centro de Vulcanismo, surge um espectacular espelho de água, seguido de um corredor que leva o visitante ao interior do Centro de Vulcanismo.

Na falésia do lado oposto à Ribeira de São Vicente, numa encantadora Vila da Costa Norte da Madeira, no fundo do vale, onde se iniciou a formação da Ilha, está situado o Centro de Vulcanismo. Alia a cultura e o conhecimento ao lazer e à animação, num pavilhão que permite aos cerca de 90 visitantes assistir, de uma forma pedagógica e lúdica, aos espectáculos audiovisuais que recriam a evolução geológica das grutas, a erupção de um vulcão e ainda simulam o nascimento do Arquipélago da Madeira. Este espaço pretende, assim, complementar a visita às grutas, explicando-as enquanto exemplo de formação geológica da Madeira, e difundir informação técnica e científica enquanto centro agregador deste conhecimento. O jardim com predominância de plantas endémicas, percorrido por uma série de vias pedonais, onde elementos florestais e cursos de água convivem em harmonia, procura ser uma homenagem à água e à vida.

**Adrama**

Fonte: **Câmara Municipal de São Vicente**

Grutas e Centro de Vulcanismo de São Vicente  
Sítio do Pé do Passo - São Vicente  
Tel. 291 842 404 | Fax. 291 842 684  
<http://www.grutasecentrodovulcanismo.com>





**Grupo Central do Arquipélago dos Açores. Duas ilhas: Graciosa e Terceira. Território ultra-periférico, descontínuo e marcado pela insularidade. Ponto de encontro da história e de viajantes, tem no turismo um dos seus maiores potenciais.**

Duas ilhas: Graciosa e Terceira. Três concelhos: Santa Cruz da Graciosa, Angra do Heroísmo e Praia da Vitória, constituem a Zona de Intervenção (ZI) da Grater - Associação de Desenvolvimento Regional das Ilhas Graciosa e Terceira. De acordo com os Censos de 2001, as duas ilhas apresentam um efectivo populacional de 60.613 habitantes. Destes, 55.833 residem na ilha Terceira (35.581 no concelho de Angra do Heroísmo e 20.252 em Praia da Vitória), ficando os restantes 4.780 habitantes na ilha Graciosa. Números que se traduzem numa densidade populacional de 131 hab/km<sup>2</sup>.

Na ilha Terceira a variação demográfica é ligeira. Ainda de acordo com os Censos de 2001, regista-se uma pequena subida de 0,9 por cento no concelho de Angra do Heroísmo e uma descida equivalente (-0,9 por cento) em Praia da Vitória. Contas feitas, entre os dois concelhos, a Terceira conta um aumento de 127 indivíduos. Pelo contrário, na ilha Graciosa verifica-se uma descida de -7,9 por cento no concelho de Santa Cruz da Graciosa, correspondente a menos 409 residentes. No global, observa-se um ligeiro decréscimo na ZI, que contrasta com a subida verificada na Região Autónoma dos Açores (RAA) -1,7 por cento.

Se a quebra populacional no território é quase nula, o mesmo não se pode dizer quando aplicada às classes de idades. Segundo os mesmos Censos, no escalão de "0-14 anos", todos os concelhos registam descidas acentuadas. Santa Cruz da Graciosa é o mais atingido (-23,5%), logo seguido por Praia da Vitória (-20,7%) e Angra do Heroísmo (-17,1%). "Não estão a ser criadas condições para fixar os jovens", lamenta Isabel Gouveia, técnica da Grater. Segundo dados da Grater, o índice de dependência de jovens no território é relativamente mais baixo que no conjunto da RAA e tem vindo a diminuir. De 38 por cento, registados em 1990, para 32 por cento em 1998.

Já o índice de dependência de idosos atingiu 21 por cento em 1998. Número acima dos valores da RAA e que, em grande parte, se deve ao elevado

índice na Graciosa (32%). O território caracteriza-se ainda pelo elevado índice de envelhecimento que, na Graciosa, atinge 110,8 por cento.

A evolução demográfica tem sido também condicionada pelos movimentos migratórios. Histórica região de emigração, desde há muito que os açorianos se habituaram a ver partir conterrâneos, principalmente para os EUA e Canadá, depois de, no passado, os caminhos trilhados terem sido na direcção do Brasil, e, também, Havai, Antilhas Holandesas, Bermudas, África ou Austrália. O cenário mudou. As ilhas são hoje receptoras de imigrantes.

A chegada e partida de pessoas faz-se com, cada vez, maior facilidade, devido às infra-estruturas de transportes. A Terceira beneficia do Aeroporto Internacional e de dois portos nas cidades de Angra do Heroísmo e Praia da Vitória. A Graciosa conta com o aeroporto para voos internos e com o porto da Praia. O tráfego aéreo marca ainda a ilha Terceira devido à presença da Base Aérea das Lajes.

No domínio da educação, a taxa de analfabetismo que na RAA, em 2001, se situava em 9,4 por cento, registava valores mais baixos em Angra do Heroísmo (8,5%), mas mais altos em Praia da Vitória (10,1%) e Santa Cruz da Graciosa (14,1%). Nos três casos verificam-se subidas entre os dois Censos, visto em 1991 os três concelhos registarem valores na ordem dos 8%, 9,6% e 11,9 por cento, respectivamente. Números que, mais do que traduzirem défice educativo, correspondem ao envelhecimento populacional.

O investimento no sector educativo manifesta-se pela criação de um pólo da Universidade dos Açores na ilha Terceira, correspondente ao Departamento de Ciências Agrárias. Escassa oportunidade para os jovens prosseguirem os estudos na ilha, que obriga a recorrer a S. Miguel ou, principalmente, ao continente. Na Graciosa, a reduzida dimensão da ilha limita o ensino ao 12º ano.

No capítulo das actividades económicas, o Inquérito ao Emprego, do Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA), relativo ao ano de 2004, assinala uma taxa de actividade nos Açores de 45 por cento. Valor correspondente a uma subida em relação aos 43,8 por cento de 2003.

Ao nível do desemprego, o valor de 3,4 por cento da RAA traduz-se numa subida de 0,5 por cento em relação ao ano anterior, mas corresponde a números mais baixos do que os registados em 1998 (4,4%).

Ainda segundo dados do SREA, relativos aos sectores de actividade, em 2004 o sector primário continua a corresponder a 12,5 por cento da ocupa-



ção, apesar de representar uma progressiva descida anual. Em 2000, o sector primário correspondia a 16,4 por cento. O sector secundário regista 26,4 por cento, sendo vítima de diversas oscilações. Os números de 2004 representam uma descida em relação a 2003 (28,2%) e 2002 (29,2%), quebrando com uma subida do sector entre 1998 e 2002. Por fim, o sector terciário representa 61,1 por cento da actividade, confirmando o crescimento quase constante dos últimos anos. Nas ilhas Graciosa e Terceira, o cenário da actividade económica reflecte os números da RAA. Agricultura e pecuária continuam a deter importância económica no território. Apesar do chamado “advento da vaca”, responsável pelo desequilíbrio cerealífero que, na década de 30 do séc. XX, obrigou à importação de cereais antes exportados em abundância, permanecem as culturas de milho, batata, hortícolas intensivas, culturas forrageiras e temporárias de cereais. Também a vinha, vitimada pelo oídio, míldio e, mais tarde, filoxera (final do séc. XIX), tem sobrevivido como importante elemento produtivo, constituindo-se a Graciosa e Biscoitos (Terceira) como duas das três zonas vitivinícolas do Açores com denominação de origem. No sector secundário, destacam-se os agro-alimentares (conservas de peixe e transformação de lacticínios: iogurte, queijo e manteiga). Mas é o sector terciário que concentra a actividade. O que gera um grau de dependência elevado.

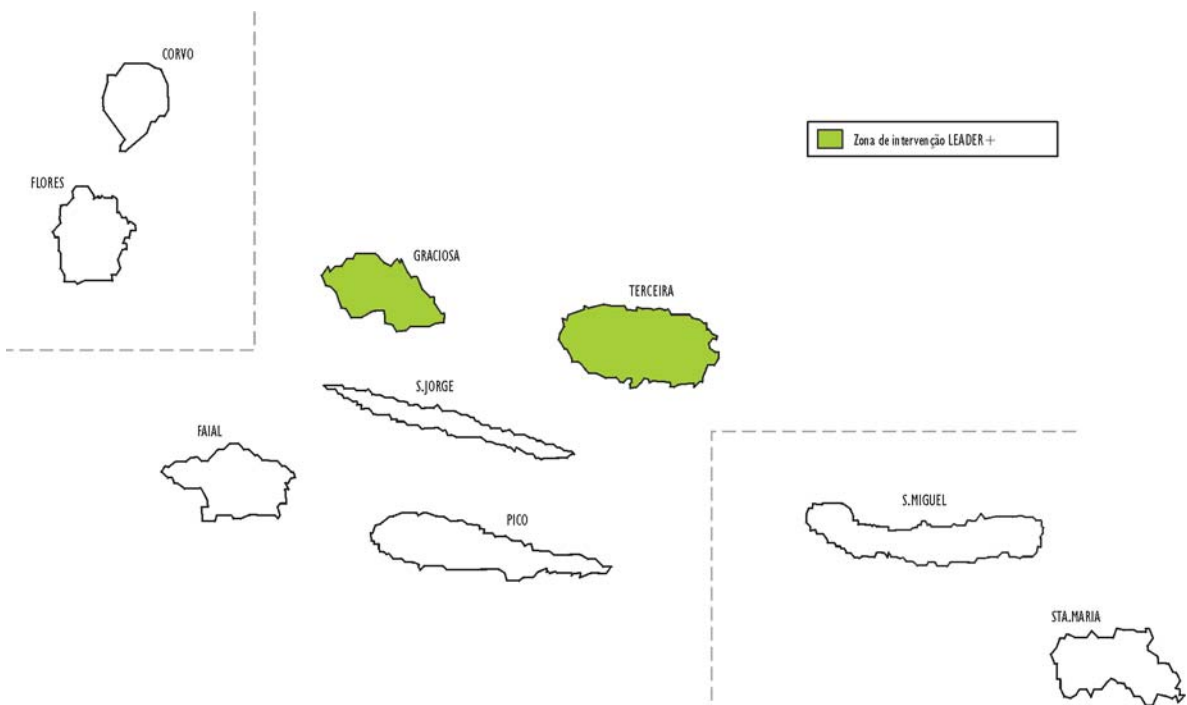
Potencial turístico

Como acontece em relação à quase totalidade do arquipélago, Graciosa e Terceira têm no turismo um enorme potencial económico. Clima suave e temperado, de reduzida amplitude térmica, praias de areia e piscinas naturais, verde a perder de vista, e mar. Paisagem e património ambiental são trunfos das duas ilhas. Nos Açores existem 900 plantas vasculares que pertencem à vegetação nativa ou foram introduzidas mais ou menos recentemente, 59 destas espécies são exclusivas do arquipélago. Zona de transição entre os trópicos e a região temperada, os Açores funcionam como zona de residência, nidificação e descanso para muitas espécies de aves. Milhafre (águia-de-asa-redonda), pombo-da-rocha, melro-negro, pardela pequena, cagarro, garajau ou gaivota são algumas das aves que se podem observar. No mar, destacam-se os cetáceos, como cachalotes, golfinhos ou baleias. Terceira, a “ilha lilás”, oferece diversas possibilidades de visita. Monte Brasil, Mata da Serreta, Estrada das Doze Ribeiras, Caldeira de Guilherme Moniz, Serra do Cume, Pico Alto, Lagoas do Negro, do Pico de Boi e das Patas, são exemplos de riqueza paisagística. No campo de intervenção humana, destaca-se Angra do Heroísmo, com o seu centro histórico classificado como património mundial pela UNESCO. Apesar de fortemente afectado pelo sismo de 1980, o património arquitectónico recuperado é digno de realce, e tem múltiplos exemplos na Sé Catedral, Palácio dos Capitães-Generais, Fortaleza de S. Sebastião, Fortaleza de S. João Baptista, Solar de Nossa Senhora dos Remédios, igrejas de Nossa Senhora da Conceição, São Gonçalo ou da Misericórdia, mas também os Paços do Concelho, vários solares, ou os Impérios (um por freguesia), devotados ao Espírito Santo. Em Praia da Vitória destacam-se a Igreja Matriz, ruínas do Convento de São Francisco, Igreja do Senhor Santo Cristo, Igreja de S. Mateus, entre inúmeros património religioso, e edifícios de natureza militar como os fortes de Santa Catarina, das Chagas, ou do Espírito Santo.



Graciosa / João Limão

Zona de Intervenção LEADER+



Graciosa, a “ilha branca”, derivado dos seus topónimos: Pedras Brancas, Serra Branca ou Barro Branco, é dominada pela beleza da paisagem. O Monte de Nossa Senhora da Ajuda, a Caldeirinha, Pico Timão ou Pico do Facho são alguns locais para desfrutar a paisagem. O património arquitectónico é, essencialmente, de natureza religiosa, de onde sobressaem a Igreja Matriz, de estilo henriquino e manuelino, Igreja da Misericórdia, e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, ou Convento de São Francisco, além de inúmeras capelas. Paisagem e património arquitectónico concentram as atenções, mas as duas ilhas dispõem ainda de potencialidades noutras áreas, nomeadamente ao nível do património espeleológico de origem vulcânica, apenas existente nos Açores e Madeira. Na Terceira, o Algar do Carvão, reserva natural geológica, é o caso mais célebre, entre as grutas de Natal, da Malha, dos Principiantes, Agulhas ou dos Balcões, além das Furnas do Enxofre ou da Água. Na Graciosa, a Furna do Enxofre constitui fenómeno vulcanológico raro. Outras furnas de interesse nesta ilha são os Bolos, Manuel de Ávila, Furada, Linheiro, Lembra-deira, Cardo, Cão, Gato, Queimado, Vermelho, Urze e Luís. A nível termal, a riqueza das suas águas sulfurosas, cloretadas sódicas e alcalinas faz das Termas do Carapacho, importante destino para fins terapêuticos. A frase “Uma ilha sempre em festa” anunciada nas publicidades de turismo lança pistas para um dos maiores potenciais e elemento caracterizador da ilha Terceira. São as Festas do Espírito Santo, as Sanjoaninas, ou ainda a famosa Tourada à corda. Festas em que pontifica a gastronomia açoriana, com Sopa do Espírito Santo, alcatras de peixe e de carne, peixe (Boca Negra, Serra), polvo à Terceira, as famosas lapas grelhadas, o prato regional, torresmos, morcela, linguça ou inhame, acompanhados dos vinhos de Biscoitos e Graciosa, e seguidos pelo arroz doce, massa sovada ou alfenim. Vale ainda o artesanato regional, com os seus bordados (Produto de Origem de Qualidade Certificada), rendas, peças em osso e dente de baleia, trabalhos em vime e olaria, ou as famosas e típicas violas de arame.

João Limão



Angra do Heroísmo / Paula Matos dos Santos



# GRATER

## Associação de Desenvolvimento Regional das Ilhas Graciosa e Terceira



Constituída há 11 anos, a Grater começa a dar os primeiros passos para lá da esfera LEADER. Até aqui, a associação tem-se limitado à gestão do LEADER II e LEADER+ mas, independentemente da continuidade desta iniciativa comunitária, pretende vir a desenvolver outras actividades, de desenvolvimento do mundo rural. A associação encontra-se a preparar um protocolo com a Direcção Regional de Desenvolvimento Agrário e está atenta a outras possibilidades no âmbito do novo quadro comunitário de apoio - QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional). Esta é a convicção da nova administração da Grater, recentemente eleita, e da equipa técnica do Grupo de Acção Local (GAL). “Penso que não é intenção desta administração, tal como da anterior, deixar a Grater desaparecer no em dia em que acabar a iniciativa LEADER. Por isso, começam a surgir protocolos como este, para dar novas valências à associação; nós, equipa técnica, trabalhamos para que isso não venha a acontecer”, afirma a coordenadora, Carmen Toste. Preparando-se para deixar Angra do Heroísmo e instalar-se em Praia da Vitória, a equipa está optimista. Mesmo a transição entre quadros comunitários de apoio, não se advinha complicada. Para além de uma boa gestão financeira, Carmen Toste sublinha a ampla parceria da Grater. Desde que foi criada, a associação tem procurado a cooperação de todas as entidades que pudessem

participar activamente para o desenvolvimento de iniciativas económicas, sociais e culturais na respectiva Zona de Intervenção (ZI). Actualmente, compõem esta parceria 62 associados: 25 entidades públicas, designadamente as três câmaras municipais da ZI, 31 entidades privadas e seis pessoas em nome individual. Orgulhosa dos resultados atingidos ao longo destes 11 anos de existência, a Grater salienta - no número 34 (Janeiro/Março de 2006) da sua revista - a criação de 145 postos de trabalho, 51 novas empresas que resultaram da aprovação de 388 projectos, ou seja, 10.298.156,58 euros de investimento (LEADER II e LEADER+). Neste momento, com a verba praticamente esgotada no Vector 1 e Vector 2 do LEADER+ (Cooperação) - onde a associação aponta um projecto que envolve as associações açorianas Asdepr e Adeliçor e um grupo da Andaluzia (Espanha) e visa a produção de material didáctico sobre o património natural e histórico dos respectivos territórios -, a Grater tem em mãos um projecto muito especial: a abertura de uma loja de produtos dos Açores, em Lisboa. Um projecto das quatro entidades gestoras do LEADER+ no arquipélago - Grater, Adeliçor, Arde e Asdepr - candidatado ao Vector 3 do Programa.

### GRATER

Serviço de Desenvolvimento Agrário – Vinha Brava  
9700-236 Angra do Heroísmo  
Tel.: 295 213185 | Fax: 295 206212  
E-mail: grater@mail.telepac.pt | <http://www.grater.pt>

### Órgãos sociais

**Assembleia Geral:** *Presidente* Câmara Municipal de Angra do Heroísmo (Miguel Cunha Pacheco Ribeiro Borba) | *Vice-presidente* Filarmónica União Praiense (Humberto Fernando Botelho Machado) | *Secretário* Casa do Povo dos Biscoitos (Vitor Miguel Aguiar Luís) | **Conselho de Administração:** *Presidente* Câmara Municipal da Praia da Vitória (Paulo Manuel Ávila Messias) | *Vice-presidente* Frutercoop (Fernando Gastão Sieuve de Menezes) | *Tesoureiro* Câmara do Comércio de Angra do Heroísmo (Rodrigo Soares Meneses Ávila) | *Vogal* Cooperativa Praia Cultural (Carlos Graciliano Melo Cabral) | *Vogal* Junta de Freguesia da Vila Nova (Rui Fernando Pereira Barcelos Nogueira) | *1º Suplente* Fundação de Ensino Profissional da Praia da Vitória (Domingos Alberto Aguiar Borges) | *2º Suplente* Casa do Povo das Cinco Ribeiras (Henrique Ferreira dos Santos) | **Conselho Fiscal:** *Presidente* José Almerindo Evangelho da Costa | *Vogal* Casa do Povo das Quatro Ribeiras (Rui Fernando Nobre de Castro) | *Vogal* Junta de Freguesia de São Bento (João Fernando Gonçalves Avelar) | *1º Suplente* Corpo Nacional de Escutas (Manuel Luís Pires) | *2º Suplente* Gilberto Manuel Ramos Vieira

### Associados

**Públicos:** Câmara Municipal (C. M.) de Angra do Heroísmo; C. M. da Praia da Vitória; C. M. Santa Cruz da Graciosa; Junta de Freguesia (J. F.) dos Altares; J. F. de Agualva; J. F. da Vila de Lajes; J. F. de São Brás; J. F. das Fontinhas; J. F. da Ribeirinha; J. F. de São Mateus; J. F. da Serreta; J. F. da Vila Nova; J. F. dos Biscoitos; J. F. do Porto Judeu; J. F. das Doze Ribeiras; J. F. da Fonte do Bastardo; J. F. de Nossa Senhora da Conceição; J. F. do Posto Santo; J. F. das Quatro Ribeiras; J. F. do Raminho; J. F. de Santa Cruz; J. F. de São Bento; J. F. de São Pedro; J. F. de São Sebastião; Universidade dos Açores; **Privados:** Associação Agrícola da Ilha Terceira; Associação dos Agricultores da Graciosa; Associação dos Jovens Agricultores Graciosenses; Associação dos Jovens Agricultores da Ilha Terceira; FruterCoop - Cooperativa de Hortofruticultores da Ilha Terceira; Adega Cooperativa dos Biscoitos; Confraria do Vinho Verdelho dos Biscoitos; Cooperativa Agrícola de Serviços União Sebastianense; Câmara do Comércio de Angra do Heroísmo; Associação dos Amigos do Museu; Associação Terceirense dos Caçadores; Associação Cultural, Desportiva e Recreativa da Graciosa; Associação de Jovens da Vila Nova; Centro Equestre “O Ilhéu”; Centro Social Paroquial da Ribeirinha de Angra; CNE - Corpo Nacional de Escutas - Junta Regional dos Açores; Agrupamento 466 do Posto Santo; Grupo Folclórico das Doze Ribeiras; Grupo de Baile à Antiga do Posto Santo; Os Montanheiros - Sociedade de Exploração Espeleológica; Casa do Povo (C. P.) da Praia da Graciosa; C. P. das Quatro Ribeiras; C. P. dos Biscoitos; C. P. das Cinco Ribeiras; C. P. de São Sebastião; Centro Cultural, Social e Recreativo Nossa Senhora da Piedade; Clube Naval da Praia da Vitória; Escola Profissional da C.M.P.V.; Filarmónica União Praiense; Praia Cultural; Sport Club Vilanovense; **Individuais:** 6

## PDL LEADER+

## Melhorar a qualidade de vida nas zonas rurais

Na Grater, as candidaturas ao programa LEADER+ abriram no dia 6 de Maio de 2002. A afluência de projectos foi tal, que as mesmas foram encerradas no final de Dezembro de 2004. De acordo com dados da associação, até 7 de Julho último, foram aprovados no Vector 1 (Desenvolvimento Rural) - 119 projectos na Medida 1 (Investimentos) e 23 na Medida 2 (Acções imateriais). Considerando a Medida 4 (Despesas de funcionamento do GAL), o investimento total global fixa-se nos 6.307.017,02 euros. No Vector 2 (Cooperação), a associação regista, até 31 de Dezembro de 2005, um investimento total de 172.653,55 euros. Devido aos três reforços de verba, que lançaram o Plano de Desenvolvimento Local (PDL) da Grater - inicialmente de 5.074.426,00 euros - para a casa dos seis milhões de euros, a Grater ainda espera aprovar mais alguns projectos, em *overbooking*, até ao final do ano. Ainda assim, os projectos já aprovados comprovam os objectivos do PDL: dinamizar as actividades produtivas, sociais e culturais, melhorando o rendimento das populações e criando condições para a sua fixação; tornar acessível a formação técnica e profissional, como forma de valorização da população residente; apostar no turismo rural, de modo a inverter a tendência do êxodo para

as cidades; apoiar as pequenas unidades de produção inseridas em meio rural, relacionadas com a agricultura, a pesca, o artesanato, as artes e ofícios, como forma de revitalização da actividade económica; sensibilizar e melhorar as infra-estruturas na área do ambiente; promover o intercâmbio de outras culturas e vivências. Objectivos - sob o tema federador “Melhoria da qualidade de vida nas zonas rurais” - definidos tendo em conta quer os próprios objectivos do Programa, quer a intervenção da associação ao longo do LEADER II. Como refere Carmen Toste, complementaridade é a palavra-chave no PDL LEADER+ da Grater; não só entre os projectos apoiados no LEADER II, mas também, e sobretudo, entre o apoio do LEADER+ e de outros programas ou sistemas de incentivos disponíveis a nível nacional e regional, como, por exemplo, o SIDER - Sistema de Incentivos para o Desenvolvimento Regional dos Açores. Turismo, infra-estruturas colectivas e produtos locais são as áreas que sobressaem na intervenção da associação. Na área do artesanato, a Grater sublinha o sucesso das Feiras de Artes e Ofícios Tradicionais, projecto desenvolvido em parceria com o Centro Regional de Apoio ao Artesanato, cuja 4ª edição acontece este ano, pela segunda vez, na Graciosa.

Textos de **Paula Matos dos Santos**

## Equipa Técnica do GAL



**Carmen Toste**  
Coordenadora

Aos 10 anos de idade, Carmen Toste troca a cidade de Beja pela vila de Lajes, concelho de Praia da Vitória. Concluído o 12º ano de escolaridade, em Angra do Heroísmo, regressa ao continente para frequentar Economia na Universidade de Coimbra. Uma vez terminada a licenciatura, volta de imediato à cidade da Praia da Vitória. Passados apenas três meses, em Maio de 2000, Carmen Toste encontra na Grater o seu primeiro emprego. Encontrando-se a associação sem coordenador, entra já na perspectiva de vir a assumir essas funções. Funções que assume, efectivamente, no início do LEADER+ . “O trabalho aqui é uma coisa deliciosa... É muito bom acordar e gostar de saber aquilo que se vai fazer, e isso não se troca por nada...”.



**Isabel Gouveia**  
Técnica de Desenvolvimento

Concluído o 12º ano, Isabel Gouveia rumo à cidade do Porto para frequentar um curso do IEFP: Informática, Contabilidade/Fiscalidade. Estar um ano afastada das Lajes - onde nasceu e sempre viveu - não foi, segundo a própria, uma experiência fácil, embora, hoje reconheça, importante a nível pessoal. Depois de duas experiências profissionais breves em Angra do Heroísmo, surge a possibilidade de entrar na Grater, em 1997. E, “cá estou, gosto muito do meu trabalho...”. Como a equipa é reduzida, Isabel Gouveia assegura que na Grater o dia-a-dia vive-se sem grandes formalidades, com uma grande partilha de tarefas e responsabilidades.



**Iria Mendes**  
Técnica Administrativa

Iria Mendes está na Grater desde Setembro de 2000. Entrou para técnica administrativa, funções que continua a exercer, e que incluem a organização da contabilidade e correspondência, contratos e pagamentos de projectos, mas também a participação da associação em feiras e outros eventos. De opinião que o programa LEADER tem contribuído muito para o desenvolvimento da Terceira e Graciosa, Iria Mendes espera continuar na Grater. “É um grande desafio e uma boa experiência contribuir para o desenvolvimento da nossa própria região”. É natural da vila de Lajes, concelho da Praia da Vitória, cidade onde actualmente reside.

Um fim-de-semana na **Graciosa e Terceira**

# Da mais antiga cidade açoriana à ilha Branca

Da cidade Património Histórico Mundial, partimos à descoberta de cada recanto da ilha Terceira, tomando as estradas regionais - ora desenhadas à beira-mar, ora por entre exuberantes serras ou quadriculados campos verdes -, bordadas, de quando em quando, de hortênsias... Na Graciosa, avistámos o ilhéu da Baleia e descemos até às entranhas da terra...

“Uma ilha sempre em festa”. O *slogan* “assalta-nos” logo que aterramos nas Lajes. A promessa é válida, certamente, para todo o ano, mas a verdade é que Junho continua a revelar-se um mês extremamente festivo, atraindo milhares de turistas à Terceira. São as festas do Espírito Santo, as Sanjoaninas, a famosa tourada à corda... Angra do Heroísmo enche-se de cor e gente... que, decerto, não perde a oportunidade para partir, em busca das baleias e golfinhos, dar um mergulho ou um passeio pedestre... Com algum tempo disponível, importa, porém, partir, tranquilamente, à descoberta de cada recanto da ilha, tomando de preferência as estradas regionais - ora desenhadas à beira-mar, ora por entre exuberantes serras ou quadriculados campos verdes -, bordadas, de quando em quando, de hortênsias... Um dos itinerários possíveis é... Partir da cidade Património Histórico Mundial, assim declarada pela UNESCO, em 1983, rumo à cidade da Praia da Vitória, apreciando a paisagem, com especial atenção para os ilhéus das Cabras, passar por dentro da freguesia de Porto Judeu, seguindo em direcção à baía da Salga, avançando mesmo até à Ponta das Contendas, junto ao farol. Voltando à estrada, importa parar nos Salgueiros ou mais adiante, em Porto Moniz, para um mergulho nas piscinas naturais. Na Praia da Vitória, a marina convida a uma pausa. Depois, entre no desvio que leva à Serra do Cume. Suba e aprecie uma das mais belas vistas da Terceira e, quiçá, dos Açores: o Vale da Achada. Daqui, poderá voltar à Praia da Vitória, tomando a estrada em direcção à vila das Lajes - e subir ao miradouro do Facho, para observar o aeroporto e a base aérea americana -, ou seguir pelo interior da ilha, em direcção a Agualva e daqui, até Biscoitos. A viagem é curta mas rica. Vale a pena uma paragem mais demorada por estas bandas: Ponta do Mistério, Ponta das Quatro Ribeiras, Ponta da Furna ou Ponta dos Biscoitos. As águas límpidas, com temperaturas excepcionais, convidam a um banho refrescante nas piscinas construídas por entre rochedos. Biscoitos é terra de vinho. O famoso verdelho dos Biscoitos é aqui produzido em vinhas, protegidas entre muros de pedra negra (as típicas curraleiras). Posto isto, ou seguir, pelo interior, em direcção à Gruta do Natal e daí ao Algar do Carvão, ou continuar pela costa, passando pela vila de Altares, alcançar a Ponta do Raminho, a Ponta do Queimado, e descansando na Mata da Serreta, cuja vegetação exuberante oferece um ambiente de grande serenidade... Pelo caminho, por entre o casario branco, sobressai o colorido dos impérios, pequenos teatros construídos em honra do Espírito Santo, espalhados por toda a ilha... Um por freguesia. Continuando viagem, antes de chegar a Doze Ribeiras, tomar a estrada com o mesmo nome, profusamente orlada de hortênsias,



Império / João Lima




Biscoitos / Paula Matos dos Santos




pela da Serra de Santa Bárbara, até alcançar o ponto mais alto da ilha: 1.021 m. Em dias de sol, a vista possibilita um dos panoramas mais bonitos sobre o oeste da ilha. Descendo a serra, rica em criptomérias vindas do Japão, tomar a verdejante estrada que leva até à Reserva Florestal de Recreio da Lagoa da Falca ou das Patas, como também é conhecida; ponto obrigatório para um piquenique, tendo como companhia aquelas aves aquáticas, sempre à espera de uma migalha! De novo na estrada, e se não o fez antes, é agora a oportunidade de visitar a Gruta do Natal e o Algar do Carvão. Duas das muitas dezenas de cavidades vulcânicas existentes na Terceira, cada vez mais procuradas pelos turistas. Entrar dentro do vulcão é uma experiência fascinante... Nas proximidades, podem-se observar as fumarolas de enxofre... De regresso a Angra do Heroísmo, antes de deixar a Terceira, não deixar de ir ao Monte Brasil. Uma das mais belas paisagens protegidas da Terceira. Aqui, desfrutar do parque do Relvão ou subir ao Pico das Cruzinhas, e admirar a vista sobre a cidade... Continuando à descoberta do território de intervenção da Grater, rumo à Graciosa, optamos pelo avião, que em meia hora nos leva até à Graciosa, ao invés do barco que leva três horas (opção válida apenas de Maio a Outubro). Na Graciosa ou “Ilha Branca”, como também é designada, devido aos seus inúmeros toponímicos com este nome, partimos da vila de Santa Cruz, em direcção à costa norte, a Ponta Barca e Porto Afonso. Retomando a estrada principal, em direcção a Guadalupe, fazer o desvio à Caldeirinha, na Serra Branca, com vista sobre a Graciosa e as ilhas Terceira, S. Jorge, Pico e Faial, e avançar para sudoeste, até à Furna do Enxofre. Fenómeno vulcanológico muito raro que importa visitar, de preferência entre as 11h00 e as 14h00, altura em que a luz do sol ilumina o seu interior; o interior de um extinto vulcão com uma misteriosa lagoa. À superfície, do cume do maciço da caldeira, o panorama enche a vista... Aqui e acolá, os moinhos de vento, com as suas pontas vermelhas e tronco alvo de cal... Mais à frente, no ponto mais a sul da ilha, Carapacho. As termas, cujas águas sulfurosas são indicadas para tratamento de doenças reumáticas e de pele, e as piscinas naturais, convidativas a um banho de mar. Depois, em direcção à freguesia da Praia (S. Mateus), avistar os ilhéus da Praia e da Baleia. Na Praia, não esquecer de comprar as Queijadas da Graciosa, directamente no local de fabrico. De regresso a Santa Cruz, subir ao Monte de Nossa Senhora da Ajuda, para uma derradeira vista sobre Santa Cruz da Graciosa e parte norte da ilha Branca.

Paula Matos dos Santos

## para dormir

-  **Quinta do Rossio**  
Altares – Angra do Heroísmo  
Tel. 295 908325
- Quinta das Mercês**  
São Mateus – Angra do Heroísmo  
Tel. 295 642588
-  **Moinho**  
Graciosa  
Tel. 917403791





## para comer

-  **Quinta do Martelo**  
São Mateus - Angra do Heroísmo  
Tel. 295 642842
-  **Casa de Pasto Lima**  
Juncal - Praia da Vitória  
Tel. 295 512255
-  **Caneta**  
Altares - Angra do Heroísmo  
Tel. 295 989162
- O Pescador**  
Praia da Vitória  
Tel. 295 513495
- Toma-lá-dá-cá**  
Praia - Graciosa  
Tel. 295 732243

## para visitar

- Terceira**  
**Angra do Heroísmo:** Sé Catedral; Igreja da Misericórdia; Palácio dos Capitães Generais; Paços do Concelho; Praça Velha; Fortaleza de São Sebastião; Monte Brasil; Museu Vulcanoarqueológico Machado Fagundes  
**Praia da Vitória:** Igreja Matriz; Casa Vitorino Nemésio  
Zonas balneares de Silveira, Negrito, Biscoitos, Quatro Ribeiras, Salgueiros, Porto Martins; Marinas de Angra do Heroísmo e da Praia da Vitória; Serra do Cume; Serra de Santa Bárbara; Caldeira de Guilherme Moniz; Estrada das Doze Ribeiras; Miradouro do Facho; Mata da Serreta; Lagoa do Ginjal; Algar do Carvão; Grutas do Natal, Balcões, Agulhas, Furna d' Água; Furnas do Enxofre
- Graciosa**  
Termas do Carapacho; Furna do Enxofre; Monte de Nossa Senhora da Ajuda; Caldeirinha; Museu da Graciosa

## para levar

- Bordados em linho
- Doçaria (Donas Amélias, Cornucópias de ovo, rochedos, massa sovada)
- Vinho Verdelho dos Biscoitos
- Vinho da Graciosa
-  Queijos Vaquinha
-  Louça artesanal da ilha Terceira (Azulart)
-  Queijadas da Graciosa (S. Mateus - Graciosa)
-  Vinho da Pedra



Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros

# Todos os caminhos levam às grutas

**Região montanhosa do centro-oeste de Portugal, Maciço Calcário Estremenho, Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (PNSAC). Somam-se mais de 1500 grutas. A paisagem esconde nas suas entranhas água, que circula entre as veias cavernosas de grutas calcárias para finalmente impregnar a região. Aqui jaz um património, objecto de muitas atenções que poderiam servir de modelo.**

O PNSAC em conjunto com a Associação de Desenvolvimento das Serras de Aire e Candeeiros (ADSAICA) concebeu circuitos de grupo temáticos para abrir janelas sobre o exterior e interior desta paisagem cársica e das suas características mais significativas de Área Protegida. Os temas chamam-se património espeleológico e recursos hídricos, geomorfologia, flora e fauna, e humanização. “Nesta Área Protegida o papel funcional das grutas atinge enorme expressão, bem como o seu relacionamento com outros fenómenos típicos destas regiões, com especial relevo para as nascentes que na sua orla constituem pontos de restituição à superfície, dando origem a importantes cursos de água, como é o caso do rio Alviela. O visitante deste Parque Natural tem aqui oportunidade de observar e compreender as diferentes fases do ciclo da água na região, bem como os seus efeitos na paisagem, apreciando certos aspectos particulares no subsolo onde esta serve de suporte a acções de erosão e de sedimentação.”

## O Centro de Interpretação

Do PNSAC emergiu uma infra-estrutura vocacionada para a valorização do património espeleológico, o Centro de Interpretação Subterrânea da Gruta “Algar do Pena” (CISGAP). Em 1985, Joaquim Pena descobria uma cavidade na sequência do desmonte de uma bancada calcária para a produção de pedra para calçada. Baptizaram-na “Algar do Pena”, a gruta com a maior sala subterrânea actualmente conhecida em Portugal, com um volume aproximado de 125 mil metros cúbicos. Antes de ser aberta ao público foi sujeita a quatro anos de estudos, sendo necessário acautelar várias medidas de protecção ambiental, sendo 14 o número de principais medidas minimizadoras de impactes negativos exercidos sobre a gruta. O CISGAP é inaugurado em 1997 e pretende actuar em quatro frentes: apoio à investigação científica e ordenamento do território no domínio da Espeleologia; divulgação alargada, do meio espeleológico cársico e fenómenos associados, com especial relevo para o público escolar; apoio às estratégias desenvolvidas pelo Parque, no domínio do turismo e desporto de natureza; e, finalmente, como estrutura de apoio à formação de espeleólogos.

Face a limitações intrínsecas da Gruta, como ter capacidade de carga para 12 pessoas por sessão de visita, o CISGAP propõe um compasso de espera animado e pedagógico. Assim, foram criadas várias actividades, desenvolvidas no edifício de apoio e nos espaços exteriores, deixando ao critério dos visitantes participar em jogos de orientação e simulação de uma exploração espeleológica completa, ou ainda, assistir à projecção de um vídeo sobre o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. Lá dentro, a visita está nas mãos de “guias” com formação espeleológica de base, enquanto o apoio à progressão e interpretação dos principais fenómenos naturais observados, está assegurado pelo uso de sistemas automáticos de telecomentário.

## A visita integral

Para visitar a gruta na sua totalidade, o CISGAP desenvolveu programas especiais, recorrendo ao uso de técnicas de corda para progressão subterrânea, como descidas em *rappel*, travessias em corrimão, subidas apoiadas em corda. Os visitantes são devidamente apetrechados de equipamento técnico individual, de acordo com as normas em vigor para a prática de actividades em meio cavernícola. Cada grupo de seis visitantes é enquadrado por dois espeleólogos que irão acompanhar a progressão técnica, fornecer elementos úteis para a interpretação biofísica da cavidade, e zelar pela segurança e comportamento ético das pessoas. Contudo, visitar a gruta na sua totalidade não é para todos. Indivíduos facilmente impressionáveis ou que sofram de síndromas vertiginosos, é favor absterem-se. Bem como é fortemente desaconselhada a grávidas “*tout court*”.

No final da longa odisséia de quatro horas e 90 metros de profundidade, heróis e heroínas do dia sairão das profundezas levando na memória esta experiência única e na mochila um certificado de participação e amostras de cristais de calcite, recolhidos em locais apropriados e sem prejuízo para a conservação do património geológico, como é óbvio.

## A formação

Em 2004, a ADIRN - Associação de Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte lança o desafio ao Espeleo Clube de Lisboa, Estremadura e Ribatejo (ECLER) de desenvolver um modelo de formação de espeleólogos e espeleístas. Após aprovação do Regulamento do Desporto de Natureza na Área do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros e respectiva Carta do Desporto de Natureza, através da Portaria n.º 1465/2004, de 17 de Dezembro, impunha-se a criação de uma bolsa de pessoas formadas nesta área. Pois, o diploma legal diz claramente no ponto 3 do Artigo 34º: “Todas as actividades devem ser enquadradas por monitores designados pelo PNSAC ou cujo perfil esteja contemplado no regulamento próprio da respectiva cavidade.”

A ADIRN aprendeu, há muito, a reconhecer e valorizar as potencialidades económicas desta área de intervenção. Natureza, turismo e desporto constituem o trio vencedor, objecto de todas as atenções e desenvolvimento(s) (ler: PDL LEADER+ da ADIRN, in *Jornal Pessoas e Lugares*, nº 10, Junho de 2003, p. 11). No âmbito de um projecto LEADER+ mais vasto de Formação de Animadores Turísticos Desportivos, que contemplou cerca de 20 acções nas mais diversas áreas de turismo desportivo, insere-se a Acção-Piloto em Técnicas de Visitação e Exploração Cavernícola. E, assim aconteceu, sob a iniciativa da ADIRN, arrancou em Novembro de 2005, com sessões teóricas em Alcanena e (teórico) práticas no Maciço Calcário Estremenho, uma carga horária de 114 horas, 12 formandos e a ECLER como entidade encarregada da organização e execução.

“Trata-se, simultaneamente, de uma acção-piloto e um ensaio sobre modelos que envolvam e conciliem, dentro das suas atribuições, os diferentes actores envolvidos na aplicação daquele diploma. Assim, tendo como padrão técnico, o regulamento da Comissão de Ensino da Federação Portuguesa de Espeleologia, o presente projecto pretende articular e reunir a contribuição de entidades públicas e privadas, ligadas aos sectores do ambiente, do desporto e do desenvolvimento económico local sustentável.” O ECLER concebeu, assim, um Plano para a Formação Piloto, com uma duração total de 114 horas, dividido em duas partes: um módulo básico e um avançado. O primeiro diploma permitia-lhes integrar, devidamente, equipas de visita e exploração do meio cavernícola, enquanto que com o segundo, as suas habilitações incorporavam competências de gestão e condução de visitas e explorações.

Maria do Rosário Aranha

Fonte e contactos:

ADIRN

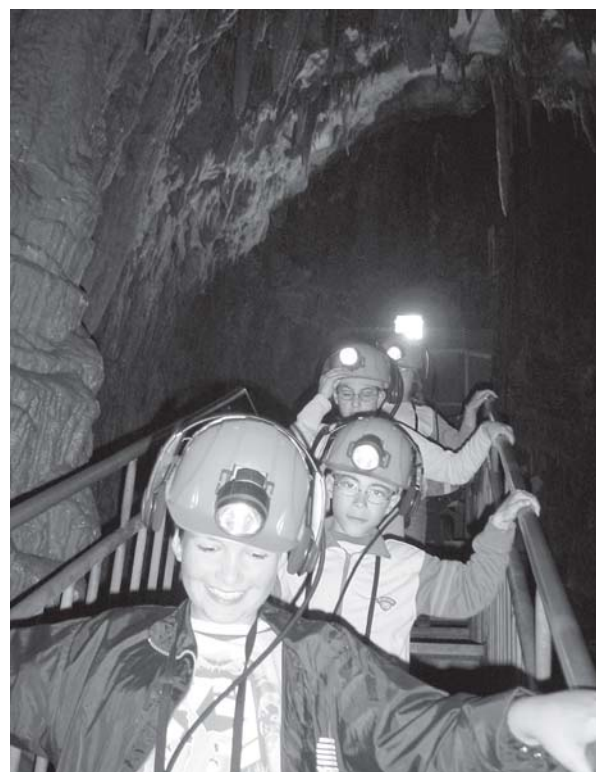
T: 249 310 040

Centro de Interpretação Subterrânea da Gruta “Algar do Pena” (CISGAP)

T: 243 400 630

Espeleo Clube Lisboa, Estremadura e Ribatejo (ECLER)

T: 249 870 343



Visita à Gruta “Algar do Pena” / CISGAP

# Geoparque nas serras de Montemuro, Arada e Gralheira

Após a aprovação e implementação do Centro de Interpretação Geológica (CIG) – projecto LEADER+ da Adrimag - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras de Montemuro, Arada e Gralheira, inaugurado no dia 1 de Julho, está já a ser elaborada uma candidatura do Geoparque de Arouca à Rede Europeia de Geoparques.

A empresa ligada ao promotor terá uma grande relevância neste projecto, uma vez que a actividade extractiva da empresa permitirá uma contínua obtenção de informação paleontológica e estratigráfica. Por outro lado, disponibilizando as instalações do CIG, proporcionará uma sede ao futuro Geoparque de Arouca.

Na sequência do projecto do CIG e devido à grande procura que o mesmo espaço já suscita, o promotor viu-se na necessidade de criar um espaço de recepção aos visitantes onde pudesse proceder à explicação de toda a envolvente e utilização de meios audiovisuais para a melhor compreensão por parte dos visitantes de todo o património geológico desta região. Assim, tornou-se necessário proceder à execução de outras valências, entre as quais um auditório, complementando toda esta iniciativa que será certamente, e num futuro próximo, um dos projectos âncora do turismo no concelho de Arouca e região envolvente.

No projecto de criação do Geoparque de Arouca está prevista para o auditório a montagem de uma exposição paleontológica permanente e a projecção de videogramas temáticos a existência de oficinas de experimentação, a organização de eventos como congressos e seminários, a produção de material didáctico e a produção e venda de moldes de fósseis e artesanato relacionado com esta temática.

## Rota do Paleozóico

Além disso, e como actividades *outdoor*, estão previstas a implementação de um percurso pedestre interpretativo (Rota do Paleozóico) e a realização de actividades supervisionadas de escavação e recolha de fósseis. Com a realização deste projecto pretendem-se alcançar os seguintes objectivos:

- conhecer e conservar o património geológico da região de Arouca, reconhecido pela câmara municipal como uma mais-valia importante para o concelho;
- promover e valorizar este património junto das populações locais e do grande público;
- sensibilizar a população escolar para a importância do património geológico no âmbito da conservação da natureza;
- promover um turismo sustentável de qualidade, suportado nos valores naturais e culturais da região, englobando as múltiplas actividades turísticas em curso;
- potenciar o desenvolvimento de actividades económicas tradicionais relacionadas com o património natural;
- divulgar um exemplo de boas práticas de cooperação entre a actividade industrial extractiva, o conhecimento científico e a conservação.



Centro de Interpretação Geológica de Canelas / Adrimag



Trilobite / Adrimag

A região de Arouca reúne um conjunto de ocorrências geológicas que, pela sua singularidade e espectacularidade, podem constituir a base para a criação de um Geoparque de relevância nacional e internacional. Um destaque especial é merecido para as seguintes ocorrências:

- o afloramento de nódulos de biotite em rochas graníticas, localmente conhecidos como “Pedras parideiras”, um dos pontos de interesse na Serra da Freita e da geologia portuguesa;
- fósseis de invertebrados do Ordovícico Médio de Canelas, onde pontifica uma assinalável quantidade de trilobites de dimensões extraordinárias que conferem a esta jazida um inegável valor científico de nível mundial;
- mineralizações de ouro, antimónio, estanho e tungsténio, em alguns casos exploradas desde a época de ocupação romana da Península Ibérica, que se integram no importante distrito mineiro Dúrico-Beirão;
- a Frecha da Mizarela associada a um contacto granito/xisto que, pelo seu elevado valor estético, é um dos locais mais visitados da região, constituindo uma das quedas de água com maior desnível na Europa;
- os múltiplos miradouros dispersos pela área permitindo a observação da paisagem circundante onde se divisam diversos aspectos geomorfológicos de grande interesse;
- os rápidos do Rio Paiva que evidenciam um importante fenómeno de dinâmica fluvial e que, actualmente, adquiriram redobrado interesse pela sua utilização pelas empresas de desporto de aventura.
- os férteis solos resultantes da meteorização e erosão das montanhas envolventes, responsáveis pela riqueza agrícola que caracteriza a região.

Salientam-se ainda valores patrimoniais de interface entre a geologia e a arqueologia mineiras, cuja actividade se terá desenvolvido na região desde o tempo dos romanos até meados do século XX.

Para além destes valores, existem na região de Arouca outras ocorrências de grande valor arqueológico e cultural, nomeadamente gravuras rupes-tres e um rico património construído, entre muitos outros exemplos. Acrescem ainda inúmeros valores culturais expressos pela existência de uma gastronomia reconhecida, uma raça bovina autóctone (Arouquesa) e um folclore rico e diversificado.

É caso para dizer que a semente do LEADER+ começa a dar o seu fruto, potenciando uma série de recursos locais e regionais, tornando a economia local mais sustentável e permitindo aos residentes amar e admirar cada vez mais a sua terra e as suas gentes, ficando cada vez mais por cá e trazendo consigo mais gente.

**Mafalda Brandão**  
Adrimag



# Parque Mineiro da Cova dos Mouros

Nesta antiga mina verificam-se vestígios de exploração num poço, com 30 metros de profundidade. Exploraram-se mineralizações cupríferas orientadas segundo NW - SE, no seio de grauvaques da Formação de Mértola. Estas mineralizações hidrotermais coincidem com o núcleo de uma dobra anticlinal que atravessa a região segundo a mesma orientação. É nas proximidades deste sistema de filões cupríferos que estão referenciados os diversos vestígios de povoados Calcolíticos, Necrópoles da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e vestígios da ocupação Romana.



Morcego-de-ferradura-pequeno, é o nome vulgar da espécie *Rhinolophus hipposideros*, que escolheu como *habitat* o poço do Parque Mineiro da Cova dos Mouros. Segundo o responsável deste sítio, todos os anos são aqui feitas contagens pelo Instituto de Conservação da Natureza (ICN). Actualmente, tem-se verificado a estabilização das populações com procriação. Contam-se cerca de 120 mamíferos. Este número resulta, essencialmente, da protecção dos abrigos eleitos pelos morcegos, que passa por interditar ao público determinadas minas, só visitadas para fins científicos: geológicos ou sísmicos. Alerta-se que mais recursos serão necessários a médio/longo prazo para garantir, através desta iniciativa, a segurança desta espécie.



*Exploração em trincheta  
a céu aberto com  
representação de escravos  
dos Romanos na lavra.*

*Explotación en foso a  
cielo aberto representados  
esclavos romanos en la  
labor de las minas*

*Open air exploration with  
representations of slaves  
from Roman times at work*

O Parque Mineiro Cova dos Mouros é, neste momento, palco da execução de um projecto apoiado no âmbito do PIC LEADER+ Terras do Baixo Guadiana, cujo promotor é ADAREM (Associação para a Defesa do Ambiente e Recursos Mineiros), uma associação ligada ao parque. Este projecto tem como objectivo geral a valorização do sítio do Parque Mineiro Cova dos Mouros, seja a nível estrutural ou da comunicação. No âmbito do projecto de requalificação inicial, o Parque Mineiro pretende instalar diversos trabalhos de valorização/adaptação do qual constam: arranjos exteriores, jardinagem na área da entrada; instalação de sistema de rega e humidificadores regulares de temperatura no circuito pedestre museológico do Parque Mineiro; adaptação de zona de exposição de um ferrocarril mineiro pela instalação de 30 metros de linha ferrocarril para fins de exposição; actualização e criação de novas páginas de *internet*; arranjos da cobertura do “palheiro”; e arranjos de uma torre. Para este efeito, o investimento aprovado é de 9.264 euros, contando com uma comparticipação FEOGA no valor de 6.948 euros.

## Região Solidária - A Hora da Controvérsia

# “A menina dos nossos olhos!”



Um ano após o início do projecto, falar deste – independentemente do gosto e do carinho que nos torna menos objectivos, porventura! – afigura-se tarefa complicada. Como descrever objectivos, finalidades, metodologias, sessões, materiais, animadores, convidados, escolas, professores, alunos, parceiros, apoios, entre tanta “matéria dada”, sem nos tornarmos fastidiosos? Como transmitir as dúvidas iniciais, de uns e de outros? Que isto de ser “controverso”, de incentivar ao pensamento, à inter-

ajuda e à prática da cidadania, tem que se lhe diga e nem sempre é fácil ou automático conquistar professores e alunos inseridos num sistema, convenhamos dizer sem perder a diplomacia, algo formatado e cinzento! Como mostrar o crescendo em que se transformou o projecto, com participações semana a semana mais fundamentadas, com jovens, sessão a sessão, mais atentos, interessados e participativos? Como deixar expressa a vontade de dar continuidade por mais um ano, ir mais além nesta vontade de formar jovens agentes de desenvolvimento, pessoas que hoje e no futuro assumam localmente papéis activos?

Ao folhear electronicamente todas as peças que compõem o projecto, entre dezenas de ficheiros de textos, quadros e tabelas, deparamo-nos com os milhares de imagens captadas. E estas, por si, para além de revelarem todas as etapas comprovando os factos, mostram-nos essencialmente e num primeiro olhar, uma profusão de rostos que surgem ora atentos, ora expectantes, ora animados, ou ainda alegres e até felizes. E é deste conjunto de fotografias, que nos surge cadenciado todo o processo que temos vivido. Processo que nos demonstra claramente que projectos de desenvolvimento devem assumir esta forma, imaterial para alguns, concreta quanto baste para nós que concluímos sobre o seu sucesso através do impacto que vemos reflectido nos rostos e nas atitudes dos nossos jovens, do impacto que sentimos em nós e na própria actividade da associação de desenvolvimento. Mas façamos um esforço, em respeito por todos aqueles que possam ainda não ter ouvido falar da iniciativa, e recomeçemos o texto...

A Hora da Controvérsia, assumida como exercício prático demonstrativo do conceito Região Solidária junto da comunidade escolar de Entre Lousã e Zêzere, território gerido pela Dueceira - Associação de Desenvolvimento do Ceira e Dueça no âmbito do Programa LEADER+ ELOZ, surge como a componente própria da Associação no seio do projecto de cooperação interterritorial com a mesma designação.

Criar nos alunos vontade e ânimo para uma participação activa nas suas comunidades, estimulando sentimentos de pertença e identidade para com as suas terras e suscitando formas de estar e ser de futuros actores locais, promotores de desenvolvimento, constituíram objectivos e finalidades propostos pela Dueceira nas 12 escolas do 2º e 3º Ciclos, Secundárias e Profissionais que se localizam nos sete concelhos da sua Zona de Intervenção.

O lançamento do Inquérito à Comunidade Jovem, aplicado à totalidade da população escolar de 4.500 alunos, surgiu como o primeiro instrumento para conhecimento e avaliação deste universo. Sob o mote “A tua opinião conta!”, cada jovem teve a oportunidade de se manifestar sobre a sua escola, sobre a sua terra e concelho, identificando valores locais e pistas para o desenvolvimento.

Logo depois, em Janeiro de 2006 dava-se início ao grande desafio... Aquele que nos levou ao encontro do quotidiano escolar, que nos colocou diariamente a enfrentar crianças e jovens ávidos de coisas novas ou simplesmente diferentes, estimulantes e atractivas.

E, deste primeiro impacto, surgiu a ideia de que temos gente! Pessoas que apesar do seu “palmo e meio” têm vontade de conhecer e participar, re-

flectir e integrar, viver enfim agindo e interagindo com o meio. Gente esta, que apesar de bastante nova – os mais pequeninos com nove, os mais velhos atirando já para a casa dos 20 – se apresentam com ideias e opiniões firmes, atitudes e acções responsáveis.

No decorrer do último ano, o projecto, assumimos, tornou-se “a menina dos nossos olhos”... Da simplicidade do tema – porque afinal solidariedade é algo intrínseco à pessoa e à sua vida em comunidade – a complexidade de transformar o conceito em algo mais amplo, de o redescobrir e reinventar transformado em responsabilidade recíproca, em que cada um e todos em geral, detém um papel preponderante na sociedade em que se encontra inserido, com preocupações sólidas pelas pessoas, património e ambiente. E deste suporte referencial a construção do projecto e a sua concretização, negociada escola a escola, através da realização de vinte sessões semanais, agrupadas em quatro grandes temas...

O primeiro, subordinado ao Eu”, foi trabalhado em sessões como “Os Chapéus do Pensamento”, “Quebra-gelo” ou “O meu papel/O meu primeiro trabalho Ser Jovem Cidadão Solidário”, as quais permitiram aos jovens centrarem-se no conhecimento de si próprios.

## LEADER pode assumir a diferença, pela sua componente de intervenção directa

De seguida, “Nós e os Outros”, constituiu um espaço de reflexão sobre o modo de integração e participação nos diferentes grupos em que os jovens se inserem: a família, os amigos, a escola, a comunidade local. Nas sessões “Somos todos diferentes” e “Uma Caixa para mudar o Mundo... Eu posso mudar o Mundo!”, reflectiu-se sobre o Ser e o Estar, sobre Igualdades e Diferenças. Falou-se em afectos, em partilhas, em educação, em códigos de identidade e conduta. Evitaram-se moralidades, mas avançou-se solidamente na construção de valores.

O terceiro módulo, “Nós e o Ambiente”, possibilitou uma aproximação optimista e simultaneamente cúmplice dos jovens à natureza, num diálogo interactivo, positivo, responsável e harmonioso com o ambiente envolvente. “Despertar para a Natureza”; “Dia-a-dia ecológico” e “Guardiães do Ambiente”, constituíram sessões práticas que se traduziram em passeios pedestres pelo campo, na construção e colocação de ninhos, na concepção de herbários, na identificação de agressões ao ambiente e do seu impacto, na plantação de árvores nos pátios e jardins das escolas, mantendo com estas uma relação de afecto e na definição de atitudes atentas e responsáveis pelo meio.

Finalmente, o quarto módulo, mais longo em duração e mais exigente em objectivos e finalidades, subordinou-se ao tema “Nós e a Sociedade que nos rodeia”. Observar a comunidade, verificar modos de interacção entre pessoas e organizações, participar em campanhas cívicas, partilhar experiências pessoais, formular opiniões, analisar o desenvolvimento da região, descobrir o património local, identificar potencialidades e constrangimentos, criar planos de intervenção, debater estratégias, simular actos eleitorais, redesenhar o futuro à medida das ideias e dos sonhos, definir direitos e deveres do cidadão, assumir compromissos pessoais, classificar e atribuir mérito a cidadãos ou organizações locais pelas suas boas práticas, participar na organização de feiras locais e, finalmente, avaliar, constituíram alguns dos objectivos das tarefas propostas. Desafios grandes, em dimensão e valor, assumidos e superados por esta juventude, com ânimo e qualidade.

No convívio de final de ano, qualquer dos 174 jovens participantes neste projecto-piloto conseguiu assumir ser Jovem Cidadão Solidário. A expressão gravada nas costas das suas *t-shirts* “Pergunta-me porquê...” já não os assusta e, percebemos, que para essa questão já têm resposta pronta. Assim como já é espontânea a definição de conceitos como solidariedade, cidadania, desenvolvimento. Entendemos, também, que usam e abusam da fórmula que eles próprios construíram... “Basta um sorriso para o mudar o mundo!” Poético? Idealista? Apenas prático, simples e eficaz.

Finalmente, ocorre-nos o pensamento de que o LEADER pode assumir esta dimensão real, de mudança do indivíduo e da mentalidade colectiva, que se demarca dos demais pela diferença, pela sua componente de intervenção directa nas pessoas. E como imagem recorrente vem-nos à ideia de que este Programa, pode ser, é, uma semente que lançada à terra, floresce e frutifica. No caso do Projecto Região Solidária – A Hora da Controvérsia é porém o orgulho que acaba por se manifestar e prevalecer.

Temos jovens! Temos Futuro!

Ana Souto  
Dueceira



# Exposição Desertificação e Desenvolvimento Rural

## Quatro casos de sucesso

A metodologia LEADER, o projecto Cordão Verde, a acção das organizações de produtores florestais do Algarve, e o Programa Castro Verde Sustentável. Quatro exemplos que marcaram presença no Seminário “Combater a Desertificação com Sucesso [quatro casos]”, que teve lugar no novo edifício da Assembleia da República, no dia 7 de Junho.

A iniciativa surge integrada na exposição “Desertificação e Desenvolvimento Rural – Combater a Desertificação a partir do Parlamento”, organizada por um conjunto de organizações da sociedade civil: Minha Terra - Federação Portuguesa de Associações de Desenvolvimento Local, Liga de Protecção da Natureza (LPN), QUERCUS, Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça (AIEC) e Federação de Produtores Florestais de Portugal (FPFP), em articulação com a Comissão Nacional de Coordenação do Programa de Acção Nacional de Combate à Desertificação (CNC/PANCD), e com apoio da Rede Portuguesa LEADER+, que marcou presença na Assembleia da República entre 31 de Maio e 22 de Junho.

Defendendo que o LEADER “veio redesenhar a forma de intervir no território”, António Realinho, coordenador da Adraces - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul, destacou a metodologia inovadora do programa através da abordagem territorial; autonomia dos Grupos de Acção Local (GAL); estratégia de “baixo para cima”; carácter inovador das acções; iniciativas locais diversificadas e de pequena escala; e cooperação (interterritorial e transnacional). Metodologia que se reflecte nos exemplos da intervenção desenvolvida. O coordenador da Adraces apresentou cinco projectos enquadrados em igual número de eixos estratégicos: Quinta dos Trevos (diversificação de actividades económicas em meio rural), azeite e queijo (aumento da competitividade do sector agro-alimentar), Lagar da Horta da Fonte e Taberna Medieval (preservação do património cultural e patrimonial), rede de animadores locais (serviços de proximidade), e bordado de Castelo Branco (valorização e promoção do artesanato). Projectos diversificados, que demonstram que “nas zonas rurais do interior há muitas iniciativas relevantes para o território que foram implementadas fora do eixo agrícola”.

“Um cordão verde contra a desertificação”, projecto apresentado por Marta Cortegano, da Associação de Defesa do Património de Mértola (ADPM), surge integrado na estratégia de conciliação entre desenvolvimento rural sustentável e conservação de recursos naturais, que visa minorar os efeitos da desertificação, nomeadamente através da consolidação de parcerias. O Cordão Verde, iniciativa do *World Wide Fund for Nature*, coordenado em Portugal pela ADPM, envolve diversos actores da região, contemplando a “aplicação de princípios de planeamento eco-regional”. A intervenção da ADPM contempla um projecto-piloto de restauro florestal, realização de programas de educação ambiental, restauro de linhas de água, ou aplicação de um modelo de gestão sustentável da propriedade.

Sustentado na ideia de que “a floresta é um instrumento fundamental na acção biofísica sobre as terras”, Mário de Carvalho, presidente da Associação de Proprietários Florestais das Cumeadas do Baixo Guadiana, abordou a “Acção das Organizações de Produtores Florestais do Algarve no combate à desertificação”. A “participação genuína das populações locais”, suas dinâmicas auto-organizativas, capacitação técnica e tecnológica e esforço de articulação com administração pública têm tornado possível uma progressiva

integração de desempenhos inicialmente parcelares e pouco consolidados, de modo a obter resultados. Da intervenção das organizações de produtores florestais resultam a mediação capacitadora com entidades públicas e privadas, acompanhamento e aconselhamento técnico a associados e utentes, elaboração de projectos e candidaturas a apoios financeiros, capacidade de recuperação de áreas ardidas, e consciencialização de proprietários.

Rita Alcazar, da LPN, apresentou o Programa Castro Verde Sustentável. Considerada a “pseudo-estepe ou estepe cerealífera de Castro Verde a área estepária mais importante de Portugal” e perante a “ameaça de alteração do habitat agrícola para florestal”, o projecto contemplou a aquisição de cinco herdades no concelho de Castro Verde, que perfazem 1.700 hectares, considerados áreas prioritárias de conservação de aves estepárias, e que também constituem território considerado como uma das áreas vulneráveis em termos de desertificação. O programa assenta em quatro eixos estruturantes: gestão agrícola em prole da conservação da avifauna; desenvolvimento de projectos de conservação da natureza e de investigação aplicada (sobretudo Biologia e Agronomia); educação ambiental, através do Centro de Educação Ambiental do Vale Gonçalves; e ecoturismo.

Quatro casos que Victor Louro, presidente da CNC/PANCD, considera “representativos do muito que se pode fazer e que se tem feito para tornar claro que a desertificação é um problema grave, extenso, que cobre grande parte do território continental português, mas que não é uma fatalidade”. Segundo o presidente do CNC/PANCD, estes exemplos demonstram que “há a possibilidade real e efectiva de gerar actividades que permitem a fixação e retorno das populações”.

Para o futuro, Jaime Silva, ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, salientou a “necessidade de reforçar o desenvolvimento rural”, de modo a que “possamos ter um travão [na desertificação], objectivo para próximos anos”.

João Limão

### Para acabar com a Exposição “Desertificação e Desenvolvimento Rural”

No dia 22 de Junho encerrou-se um capítulo no processo de sensibilização para a luta contra a desertificação. Exposições e palestras vão abandonar a arena política, após 23 dias de combate à desertificação a partir do parlamento. Neste Ano Internacional dos Desertos e da Desertificação, um conjunto de organizações decidiu aliar-se, em articulação com a Comissão de Coordenação do Programa de Acção Nacional de Combate à Desertificação e com o apoio da Rede Portuguesa LEADER+, para persuadir os membros da classe política portuguesa a abraçar esta causa.

A organização, constituída em parceria pela Minha Terra - Federação Portuguesa de Associações de Desenvolvimento Local, a LPN - Liga para a Protecção da Natureza, a Quercus - Associação Nacional de Conservação da Natureza, a AIEC - Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça e a FPFP - Federação de Produtores Florestais de Portugal, procurou não só puxar o sinal de alarme para uma realidade cada vez mais instalada na paisagem nacional, mas também mostrar caminhos divergentes da trajectória desenhada, até hoje, por uma sociedade contemporânea cuja sustentabilidade está, constantemente, a ser sacrificada no altar do desenvolvimento económico.

Para além de um desfile de moda *sui generis*, composto por vestuário e acessórios com apliques de cortiça, um *buffet* de iguarias, da autoria do *chef* Luís Baena, integrando na sua confecção produtos locais de todas as regiões do país, a cerimónia de encerramento oficial contou, entre outros, com um discurso bastante motivador do Ministro do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, Francisco Nunes Correia ([www.leader.pt/PDF/D\\_Desert\\_22\\_6\\_06.pdf](http://www.leader.pt/PDF/D_Desert_22_6_06.pdf)). Nas palavras de Regina Lopes, presidente da Direcção da Federação Minha Terra, este conjunto de eventos serviu para “chamar a atenção da classe política, de quem tem poder para tomar um conjunto de decisões e, também, sensibilizar a opinião pública para as questões dramáticas que vamos vivendo de norte a sul do país em termos de desertificação”. Questionada sobre o sucesso e alcance desta iniciativa, Regina Lopes declarou-se confiante, “nesta fase de programação para 2007-2013, é evidente que as preocupações que foram aqui agendadas e discutidas tiveram eco, e vão aparecer nas opções políticas que vão ser tomadas em breve.”

Maria do Rosário Aranha



Maria do Rosário Aranha

LeaderOeste

# Colóquio sobre Energias Renováveis e Eficiência Energética

No quadro de uma acção comum entre a LeaderOeste e a Rede Portuguesa LEADER+ decorreu, no dia 7 de Julho, em Caldas da Rainha, o Colóquio sobre Energias Renováveis e Eficiência Energética.

O colóquio abriu pela voz do presidente da LeaderOeste - Associação para o Desenvolvimento e Promoção Rural do Oeste, Luís Camilo, que frisou que o trabalho da associação tem sido mais de suporte e dinamização desta área, numa perspectiva de associação de desenvolvimento rural e regional do Oeste e não de especialista. Não obstante, a vereadora da Câmara Municipal de Caldas da Rainha, Helena Conceição Pereira, relevou o facto do tema das energias renováveis estar na ordem do dia, saudando por isso

também o olhar atento da associação. Este primeiro momento introdutivo foi fechado pela coordenadora da Rede Portuguesa LEADER+, que apresentou de fio a pavo o “Pessoas e Lugares”, cuja 36ª edição versa, precisamente, na sua quase totalidade, sobre o tema e a associação em epígrafe. Num segundo tempo, os especialistas nesta matéria, nas pessoas de Manuel Ferreira dos Santos, do Geota - Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente, e José Porfírio, assessor do ministro da Agricultura, oraram respectivamente sobre “O papel da agricultura e do mundo rural nas energias renováveis e nos biocombustíveis”. Se, por um lado, a agricultura nacional tarda em assumir a liderança da questão das biomassas, por outro, segundo este último, “como facilitador,

como promotor daquilo que os agentes económicos fazem, o ministério assume, desde o princípio, uma postura de que esta é efectivamente uma janela de oportunidade para a agricultura e para o mundo rural (...) todavia isso tem de ser feito numa base de competitividade e de sustentabilidade do próprio processo”. Antes do lançamento e abertura do debate para a assembleia, moderado por António Eloy, jornalista da Gazeta das Caldas, coube a José Coutinho, coordenador do GAL da LeaderOeste, rematar a manhã com a apresentação de um estudo sobre “Energias Renováveis no contexto do Oeste”.

Em termos de LEADER+, a estratégia desta associação está centrada no tema forte, “utilização de novos repositórios de saber-fazer e de novas tecnologias para tornar competitivos os produtos e serviços dos territórios”, sendo que as soluções propostas partilham-se em projectos de eficiência energética, nomeadamente reguladores de fluxo luminoso em sistemas de iluminação pública, de sistemas de economia de energia em equipamentos de controlo de tráfego, e de energias alternativas, nomeadamente integração fotovoltaica em fachadas de edifícios em meio urbano e de estruturas de sombreamento nos espaços escolares, produção de biodiesel para consumo nas frotas camarárias, integração de micro-hídricas em condutas de transporte de água e produção de estilha e de compactados de biomassa.

A tarde foi dedicada a projectos fomentadores de boas práticas, primeiro com o projecto Ecocasa - Casa Virtual de Energia, da Quercus - Associação Nacional de Conservação da Natureza, e depois com uma apresentação de Luís Manuel Anacleto, da Cletenge - Consultores de Engenharia, dedicada, fundamentalmente, à questão da economia de energia na iluminação pública. Da estrutura mais básica à mais complexa, do agregado familiar à autarquia, a palavra de ordem é racionalizar o consumo de energia.

Maria do Rosário Aranha



Maria do Rosário Aranha

## Terras de Sicó - Um território, uma marca

A Associação de Desenvolvimento Terras de Sicó participou na conferência “Regional Branding and Rural Development - The Fuchsia Brand: Outcomes and Impacts of Regional Branding”, organizada pelo West Cork Leader Cooperative Society Ltd., que decorreu em Kinsale, West Cork, Irlanda, nos dias 31 de Maio e 1 de Junho último.

A questão colocada na mesa, essencial na nossa perspectiva e recentemente tratada num nosso seminário “Terras de Sicó - Um Território, uma Marca”, centrou a discussão na necessidade de repensar o tradicional modelo adoptado por muitos países mediterrânicos na valorização dos produtos endógenos através da nomenclatura europeia DOP, IGP e ETG ([http://ec.europa.eu/comm/agriculture/foodqual/quali1\\_pt.htm](http://ec.europa.eu/comm/agriculture/foodqual/quali1_pt.htm)), contrapondo o desafio de uma marca global associada a um território.

Essa foi a aposta do West Cork Leader, assumindo na componente produção/comercialização agrícola e oferta turística uma única marca - FUCHSIA BRAND.

Numa primeira análise, percebeu-se que a equipa irlandesa trabalhou o território no sentido de adoptar uma única marca que hoje lhe dá visibilidade, agrupando mais de duas centenas de empresas nos vários sectores económicos, incluindo a oferta turística, para nos seus produtos e serviços usarem preferencialmente a marca FUCHSIA BRAND, associada ao slogan “West Cork - a place apart”. A conferência trouxe-nos intervenções do próprio grupo LEADER e da forma como implementaram a ideia, mas reforçada por intervenções do sector turístico (Fáilte Ireland), do sector da certificação (Food Centre LTD), da crítica gastronómica e turística dos media (Bridgstone Guides) e da University College Cork, entidade que acompanhou todo o projecto num misto de parceria activa e avaliação externa - todos eles corroborando a ideia que o método utilizado é um caso de estudo a ter em conta nas dinâmicas do desenvolvimento rural.

Na conferência, num momento criado para o efeito, assistimos a várias intervenções de empresários que assumiram a marca FUCHSIA BRAND, entre hoteleiros, empreendedores agrícolas e comerciantes, criando estes no seu espaço *retail* uma zona própria para a comercialização de produtos FUCHSIA BRAND, tendo como princípio a aquisição directa - sobretudo de produtos agrícolas - junto da oferta local.

Para além de nós, os participantes irlandeses, belgas, dinamarqueses, escoceses, americanos, holandeses, ingleses, italianos e finlandeses, tiveram acesso,

no dia seguinte, a uma visita guiada a vários projectos, verificando *in loco* uma implementação espacial da marca em todo o território - um território, uma marca!

A título de mera avaliação e proposta para pensar o futuro em Portugal sobre estas questões, damos um exemplo: a Terras de Sicó tem no seu território a DOP “Queijo Rabaçal”. Para os finlandeses a questão não estava na sua avaliada qualidade pela certificação, mas antes saber qual a percentagem de gordura do queijo, *light* ou não?

Outro exemplo: o recente estudo INTERREG III-B “PORTA NATURA” em que participámos vem de encontro a este novo princípio. A procura pelo alojamento tem outras exigências mais amplas que apenas o tradicional conforto e/ou acolhimento oferece nas modalidades TER - Turismo em Espaço Rural. Hoje, a ideia de hotéis rurais associada à imagem de um território ganha, pelo estudo, cada vez mais adeptos, porque há um conjunto de novos desejos a satisfazer.

Assim, associar uma marca a um território é, no âmbito da comercialização de produtos e serviços cada vez mais essencial, considerando e estudando cada vez mais os mercados da procura. É que eles, para valorizar o território e a economia rural, tentam encontrar respostas à procura dos actuais mercados, contrariando o dogma muito mediterrânico das DOP, IGP e ETG, ou no caso do alojamento, das modalidades TER. Aliás, basta analisar nos países do Norte da Europa a quantidade de produtos certificados e verificaremos imediatamente que isso não é determinante. A resposta ao mercado é que se torna essencial para serem territórios competitivos, ter resposta é o lema e, associado a uma marca do território, melhor ainda.

Há, pois, que repensar a estratégia portuguesa. Pelo menos, ter a capacidade de discutir sem falsas retóricas ou vícios de anos. Qualificar os produtos é meta que não devemos abandonar. Perceber o mercado e nele introduzir novos factores de competitividade é tarefa a cumprir no curto-prazo.

A Terras de Sicó, estamos certos, avançará brevemente para a discussão da marca. O território já temos. Um “queijo Rabaçal *light*” servido ao pequeno-almoço num hotel rural Sicó é assunto que poderá ser saboroso. Queiram o Terreiro do Paço, a competência técnica das universidades, institutos e os nossos políticos.

Terras de Sicó





Ordenamento do Território e Desenvolvimento Rural

Coordenação: Rede Portuguesa LEADER+ /IDRHa e Federação Minha Terra; Edição Rede Portuguesa LEADER+ /Programa LEADER+; Junho 2006

“Políticas e instrumentos para o ordenamento do território e o desenvolvimento dos territórios rurais”, “Os processos participativos no planeamento territorial”, ou “O papel dos agentes de desenvolvimento rural no ordenamento do território”, são três dos temas abordados em capítulos da publicação “Ordenamento do Território e Desenvolvimento Rural”, editado pela Rede Portuguesa LEADER+ /Programa LEADER+.

Tendo como ponto de partida o seminário sobre “Ordenamento do Território e Desenvolvimento Rural”, organizado pela Rede Portuguesa LEADER+ em colaboração com a Federação Minha Terra, no dia 16 de Dezembro de 2004, na Covilhã, a publicação desenvolve as intervenções apresentadas nas sessões temáticas dos dois painéis desse seminário (“Ordenamento do Território e Desenvolvimento Rural” e “Instrumentos de ordenamento do território e as práticas das parcerias locais”), enquadrando os temas e adicionando informação complementar, para a construção de um Dossiê Temático sobre Ordenamento de Território e Desenvolvimento Rural.



LEADER+ Magazine – Valorização dos recursos naturais e culturais

Observatório Europeu dos Territórios Rurais; Abril de 2006

Número de Abril deste ano da revista LEADER+ Magazine, dedicado ao tema “Valorização dos recursos naturais e culturais”, e que viaja até à Bélgica, Holanda e Alemanha, para conhecer projectos nesta área. “Os tesouros falados de Maasland” é um excelente exemplo de utilização de novas tecnologias (guia “Contador de histórias”) associadas à exploração natural e cultural de um território. O “viveiro de arte” de De Weerribben, consiste num e “percurso artístico” através do parque nacional holandês, com peças elaboradas em junco por 15 artistas, que contribuíram para uma perspectiva nova para os visitantes, mas que surgem integradas no habitat natural para a fauna e flora da região. Por fim, o caso alemão do “Agroturismo em Mecklenburg”. As propriedades rurais históricas da região, associadas às paisagens naturais e património histórico, estão a ser aproveitadas e divulgadas através da criação de uma marca própria: a “Urlaub im Gutsdorf”.



Actualidad LEADER – nº 32

Célula de Promoción y Animación del Desarrollo Rural; Junho de 2006

Em destaque na revista “Actualidad LEADER” nº 32, está um dossiê subordinado ao tema “Energias alternativas e mundo rural”. Ao longo de oito páginas, este dossiê aborda o apoio dos programas LEADER+ e PRODER a energias renováveis e alternativas, cultivo de carburantes (como a cana de açúcar ou plantas para extracção de bioetanol e biodiesel), melhoramento das condições ambientais de uma instalação agropecuária com produção de biocombustível, e a autosuficiência de territórios que utilizam fontes de produção de energias renováveis como a biomassa ou eólica. De resto, oportunidade para ler uma entrevista com Teresa Rivera (Ministério do Ambiente), ou conhecer projectos associados a produtos locais, património ou qualidade de vida.



O Nosso Artesanato

Edição ADELIAÇOR; 2006

Com o apoio do LEADER+ /ADELIAÇOR

Considerando o artesanato uma exaltação dos valores e costumes do povo açoriano, a ADELIAÇOR - Associação para o Desenvolvimento Local das Ilhas dos Açores edita pela primeira vez uma compilação do artesanato existente na sua Zona de Intervenção: Ilhas de São Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo.

A edição, designada “O Nosso Artesanato”, resulta de uma pesquisa e recolha de informação que possibilitou a criação e publicação de material de divulgação e promoção do artesanato regional, sob a forma de 16 fichas inseridas numa pequena caixa.

A informação disponível incide sobre as matérias-primas, os utensílios e algumas considerações históricas sobre os diversos tipos de artesanato existentes naquelas ilhas: miolo de hortênsia, rendas, tecelagem, casca de milho, cestaria, madeira de cedro, crivo, *scrimshaw*, chapéu de palha de trigo, miolo de figueira, bordado a palha sobre tule e flores em escama de peixe.

Tendo por objectivo promover e divulgar o artesanato regional junto dos turistas, a edição vai ser disponibilizada aos comerciantes locais e ao sector turístico. ADELIAÇOR



Açores 9 Ilhas 9 Fotógrafos

Edição Governo Regional dos Açores; 2006

“Apesar de evidentes semelhanças, as nossas ilhas apresentam uma forte personalidade. (...) Cada uma delas é o produto de uma longa evolução histórica, a expressão de relações profundas entre os homens e as possibilidades locais. (...) Profissionais de referência na fotografia portuguesa, nove fotógrafos “passearam-se” por estas ilhas, fazendo, cada um deles, de uma ilha a sua ilha. As fotografias que fizeram, bem como o texto que as acompanha, originaram este livro, onde as nossas nove ilhas são apresentadas com os fulgores da sua unidade e diversidade.” As palavras são de João Lopes, que escreveu a introdução geral e os textos introdutórios às 9 ilhas. As fotografias - 154 no total - são, por esta ordem, de Luís Barra (Santa Maria), Luís Ramos (São Miguel), Daniel Rocha (Terceira), José Manuel Ribeiro (Graciosa), Pedro Letria (São Jorge), Bruno Portela (Pico), José António Rodrigues (Faial), Gonçalo Rosa da Silva (Corvo), Luís Vasconcelos (Flores). São nove olhares sobre as nove ilhas do Arquipélago dos Açores, numa belíssima edição, de 200 páginas.

www.montanheiros.com



Os Montanheiros - Sociedade de Exploração Espeleológica é uma Organização não Governamental de Ambiente (ONGA) constituída em 1963, na cidade de Angra do Heroísmo, na Terceira.

Sem fins lucrativos, de carácter científico, natural, educacional, lúdico e ambientalista, Os Montanheiros promovem a espeleologia e os interesses pela geologia. O seu objectivo prioritário passa

pela inventariação, exploração, estudo e conservação das cavidades vulcânicas nos Açores, e ainda a valorização, promoção e gestão de recursos naturais que ofereçam potencialidades turísticas, interesse científico ou necessidade de conservação, mantendo, no entanto, diversas outras iniciativas, ligadas principalmente à defesa e valorização do ambiente e do património natural.

Ao longo dos seus mais de 40 anos de existência, Os Montanheiros têm desenvolvido inúmeras actividades... Para além de possuir o único museu vulcano-espeleológico do país - instalado na sua sede, em Angra do Heroísmo -, esta organização tem a gestão e exploração turística de três cavidades vulcânicas: Algar do Carvão e Gruta do Natal, na Terceira, e Gruta das Torres, no Pico - onde tem um núcleo, desde 2004.

spe.planetaclix.pt



A Sociedade Portuguesa de Espeleologia (SPE) efectua explorações e estudos de grutas por todo o país. O seu trabalho de inventariação, caracterização e divulgação dos fenómenos cársicos da região está na base da criação do

Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. A estrutura da SPE baseia-se em delegações, que se fazem representar na Direcção Nacional e no Congresso, podendo pequenos grupos de sócios formar núcleos.

Entre os actuais projectos da SPE, consta o Cadastro Espeleológico Nacional, onde é feito o inventário das cavidades existentes no nosso país através de fichas-resumo de cada gruta explorada ou prospectada. A Escola Portuguesa de Espeleologia é o Departamento de Ensino da SPE que tem como objectivos desenvolver os aspectos técnicos, científicos, organizativos, ambientais e culturais da espeleologia, promovendo, para tal, um conjunto de acções de formação, como, de iniciação à espeleologia, fotografia espeleológica, prospecção espeleológica, mergulho espeleológico, topografia espeleológica e bioespeleologia.

www.grutasmiradaire.com



Descobertas em 1947, as Grutas de Mira de Aire situam-se numa região do país com valores muito característicos do ponto de vista geomorfológico e geológico, conhecida por Maciço Calcário Estremenho. A paisagem é dominada pela morfologia cársica: fenómeno resultante da dissolução lenta dos calcários por acção da água da chuva, cujo escoamento se dá fundamentalmente por infiltração, levando a uma quase ausência de linhas de águas superficiais.

Abertas durante todo o ano, estas grutas oferecem ao turista a rota do deslumbrante mundo das estalactites: a “Sala grande”; a “sala vermelha”, o cintilar da “Joalharia”; a “Cúpula majestosa e a descida até à “Galeria”; depois, o serpentear por centenas de metros e a revelação de estranhas e variadíssimas formações calcárias, como a “Alforreca” e os “Pequenos Lagos”, o “Marciano”, a “Boca do Inferno” e o “Órgão”; e os pequenos regatos e o “Rio Negro”, cujas águas se juntam às do “Grande Lago”, onde tem lugar o “Grande espectáculo final da água, luz e som”.



# Queijo Vaquinha

**Queijo mais antigo da ilha Terceira, o “Queijo Vaquinha” renasceu para conquistar o mercado açoriano. O produtor aposta no carácter artesanal e na qualidade, afirmando a visibilidade e turismo como pontos fortes do produto.**



Uma “marca em vias de extinção”. Foi nesta situação que a história de João Henrique Cota se cruzou com a história do famoso “Queijo Vaquinha”. Não mais se descruzaram. “Homem da lavoura”, como o próprio se define, João Cota é criador de gado e acaba, naturalmente, por se tornar fornecedor de leite para o artesão do antigo queijo, em Santa Bárbara. O característico queijo terceirense estava em desaparecimento, existindo uma produção muito reduzida. “Como o queijeiro não tinha filhos”, e o saber associado à produção do queijo ameaçava perder-se, João Cota pede-lhe que o ensine a produzir o queijo e convida-o a trabalhar juntos. Em 1998 é aberta a primeira queijaria, “numas instalações provisórias”, ainda longe de preencher todos os requisitos de qualidade. “Não tínhamos muitas condições”, reconhece João Cota. O “Queijo Vaquinha” tradicional é a primeira aposta da empresa. O queijo clássico em barra, utilizando ainda formas de madeira e feito de leite cru é, rapidamente, ultrapassado pelo trabalho com leites pasteurizados. É pedido o apoio a técnicos especializados na pasteurização num investimento na “qualidade e segurança alimentar”. Trata-se de uma garantia, as “pessoas sabem que estão a comer um produto seguro”. O prestígio da tradição foi garantia para a aceitação. Segundo João Cota, “as pessoas sempre ouviram falar nesta marca de Queijo Vaquinha”. Daí, o “grande escoamento” deste tipo de queijo. É um produto com “mão-de-obra muito trabalhosa, muito pequenino, que não leva sal introduzido na massa e tem paladar a leite normal”. O sucesso das vendas estimulou o sentido criativo do produtor, que avançou para quatro outros tipos de queijo. O Vaquinha fresco, Vaquinha Tipo Terceira, em formato redondo, Vaquinha picante, que leva um pouco de massa malagueta, e o Vaquinha tipo Ilha, com 10 kg, inspirado no queijo de São Jorge. Para a produção destas cinco variedades de queijo, João Cota labora cerca de 250 mil litros

de leite por ano. O que corresponde a cerca de mil litros diários e traduz-se em “100 a 120 quilos de queijo por dia”. Cerca de metade do leite necessário à produção é proveniente da exploração do proprietário da queijaria, que conta com 60 vacas leiteiras. “Faço circuito completo”, revela sorridente. O restante quantidade de leite necessário é, também, assegurada por explorações do agregado familiar.

**Aumentar a produção e certificar**

O objectivo do produtor é avançar para a laboração de 350 mil litros de leite. É que a produção não chega para a procura. “Não cubro a ilha toda”, reconhece João Cota, que acrescenta “faço alguns mercados de Angra e grandes superfícies de Angra e Praia”. Segundo o empresário, o “problema, às vezes, é falta de queijo na época alta”, dado que se dá a “ruptura de stocks”. Apenas em ocasiões pontuais, “quando tenho mais queijo, envio para Ponta Delgada e Horta, para as grandes superfícies”. Apesar do desejo de aumentar a produção, “preocupo-me mais com qualidade do que quantidade”, defende o empresário. “Prefiro menos e seguro”, revela. Os preços não estão fixados para competir com a grande indústria. João Cota sabe que o produto de fabrico artesanal tem de ser mais caro do que o queijo das grandes indústrias. Como garantia de qualidade do produto produzido, a empresa aderiu a um sistema de Autocontrolo promovido pela Escola das Novas Tecnologias dos Açores, através do INOVA - Instituto de Inovação Tecnológica dos Açores, que procurou controlar a qualidade do produto e condições higio-sanitárias. Posteriormente, implementou o HACCP (*Hazard Analysis and Critical Control Points*), que pode ser traduzido como Sistema de Análise de Perigos e Controlo de Pontos Críticos, que é uma metodologia reconhecida internacionalmente e utilizada pelas entidades do sector alimentar ao nível do controlo de higiene e segurança alimentar. Para o



Paula Matos dos Santos

futuro, o objectivo é “tentar certificar o meu produto”, adianta João Cota. Para chegar até este patamar, um longo caminho foi percorrido. “Registei a marca há seis anos”, esclarece, e só depois disso é que avançou para a renovação das instalações, que foram inauguradas em Abril de 2002. Um investimento de cerca de 600 mil euros, que contemplou a aquisição de equipamentos (câmaras de cura, prensas, pasteurizador, cubas, caldeira) e obra (edifício). A modernização permitiu ultrapassar largamente a laboração de “100 a 150 litros de leite por dia”, mas também introduziu elementos novos na filosofia de produção. Além da câmara de cura e sala de laboração, o projecto contemplou uma sala de recepção aberta a visitantes. Esta componente, que “foi feita para o turismo” e “está no roteiro turístico”, funciona como sala de provas e permite que os visitantes observem a laboração através de uma vitrina. Satisfaz a curiosidade dos turistas e permite “ver que não temos nada a esconder”, esclarece o empresário. Segundo João Cota, é “importante a boa imagem da queijaria e da região”, e a sala de visitas contribuiu para este objectivo, sem deixar de ser importante no capítulo das vendas. Mas a postura também é importante. Se os visitantes querem comprar queijo mas têm pela frente viagens longas, “aconselho a não levar, porque tem que se ser sincero”, defende. A postura não compromete os ganhos. O sucesso faz-se de esforço e espírito de sacrifício. Há dias que “trabalho aqui das seis horas da manhã até à meia-noite”, revela João Cota. Mas, a verdade é que a “empresa torna-se rendível por ser familiar”. As cinco pessoas que trabalham na queijaria fazem todas partes da família.

João Limão

**Queijo Vaquinha**  
Canada do Pilar, 5  
Cinco Ribeiras – Ilha Terceira  
Tel.: 295 907138

## Ficha Técnica

### Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 38 - 2006

### Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

### Redacção

INDE  
Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3.º  
1700-213 Lisboa  
Tel.: 21 843 58 70  
Fax: 21 843 58 71  
E-mail: pl@inde.pt

Mensário

### Directora

Cristina Cavaco

### Conselho Editorial

Cristina Cavaco/INDE, Francisco Botelho/INDE, José António Sousa Canha/IDRHa, Luís Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/IDRHa, Rui Veríssimo Batista/IDRHa

### Redacção

Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha, Paula Matos dos Santos

### Colaboraram neste número

Adirn, Adrama, Adrimag, Ana Souto (Dueceira), CIGAP, Grater, José António Canha (IDRHa), Mafalda Brandão (Adrimag), Paulo Barcelos (Os Montanheiros), Rita Horta (GPPAA), Sónia Borges (Adeliçor), Terras do Baixo Guadiana, Terras de Sícó

### Paginação

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

### Impressão

Diário do Minho  
Rua de Santa Margarida, n.º 4  
4710-306 Braga

Impresso em Setembro de 2006

### Tiragem

6.000 exemplares

### Depósito Legal

n.º 142 507/99

### Registo ICS

n.º 123 607

Os artigos assinados exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente a do proprietário e Conselho Editorial deste jornal.



Ministério da  
Agricultura,  
do Desenvolvimento  
Rural e das Pescas

